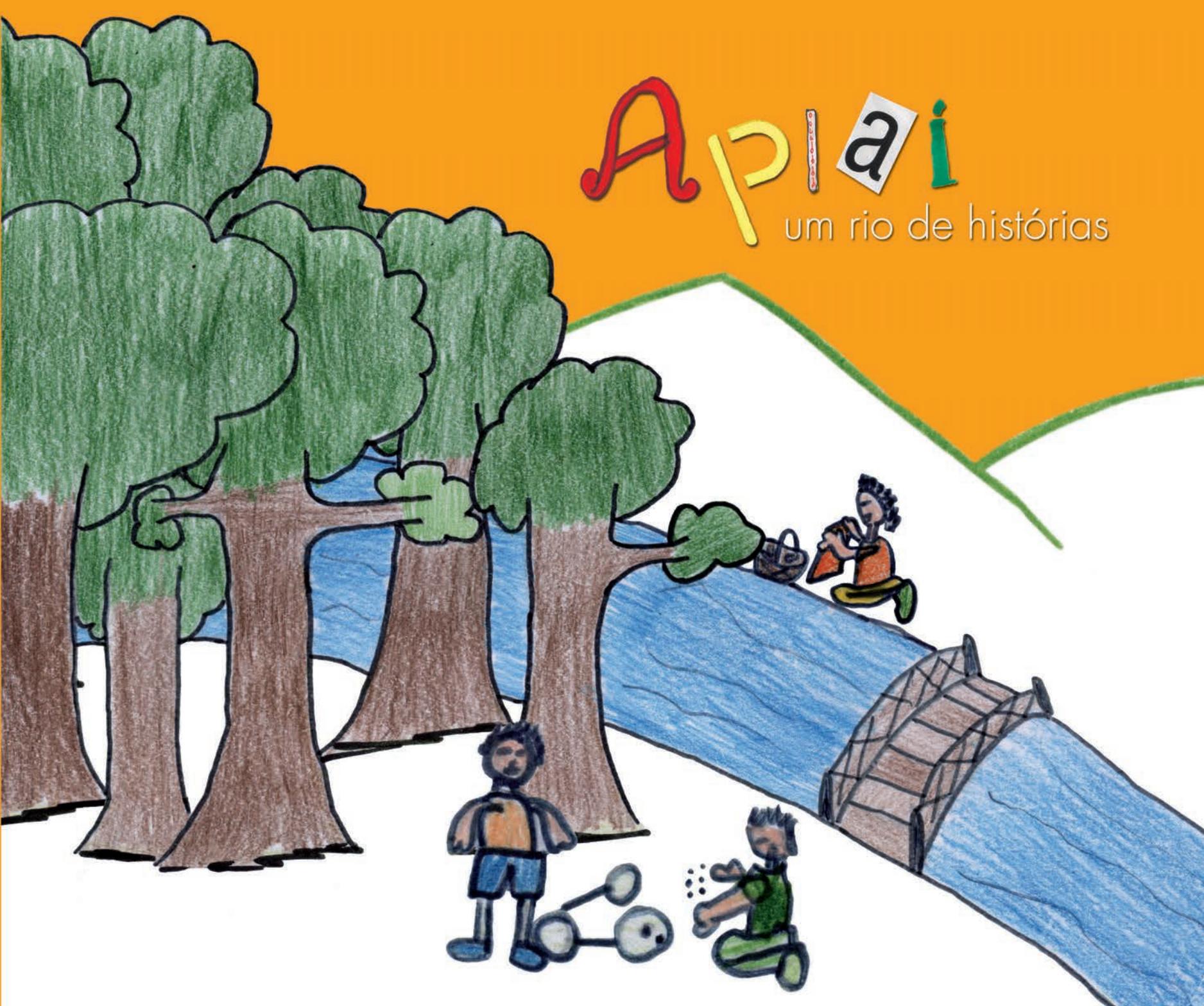


# Apiaí

um rio de histórias





# Apiaí

um rio de histórias

Ana Carolina Carvalho

São Paulo, 2011  
1ª edição



Patrocínio



Realização



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Carvalho, Ana Carolina  
Juiz de Fora : a cidade e suas histórias :  
Projeto Memória Local na Escola Votorantim /  
Ana Carolina Carvalho. -- 1. ed. -- São Paulo :  
Museu da Pessoa : Instituto Avisalá, 2008.

Bibliografia.  
ISBN 978-85-60505-12-8

1. Escola Votorantim (Votorantim, MG)  
2. História oral 3. Juiz de Fora (MG) - História  
4. Juiz de Fora (Minas Gerais, MG) - História  
5. Projeto Memória Local na Escola 6. Votorantim  
(MG) - História I. Título.

08-10376

CDD-981.512

Índices para catálogo sistemático:

1. Comunidades mineiras : Programa Memória Local  
na Escola : História 981.512



Índice	4	Apiáí: um rio de histórias
	6	Não sou daqui, sou de Apiáí
	10	Logo ali, bem perto
	16	Pelas ruas da cidade
	18	No bairro Alto da Tenda, tem som e gosto de festa (e de memória)
	22	O trabalho nas mãos
	24	Nos bancos da escola
	28	A vida toda em Apiáí
	32	Bibliografia



A publicação *Apiáí: um rio de histórias* reúne as lembranças contadas por 27 moradores da cidade aos alunos das escolas ALA, Honorina Albuquerque, Elisa dos Santos e Cemaé, durante os anos 2010 e 2011. As histórias dos moradores foram ouvidas por meio de entrevistas de histórias de vida realizadas pelos alunos.

O Projeto Memória Local na Escola tem como objetivo valorizar as histórias de vida das pessoas da comunidade. Ao longo do ano de 2010, foram realizados encontros mensais com os alunos e professores das escolas municipais de Apiáí. Durante o primeiro ano do projeto, os alunos entrevistaram 16 moradores e registraram as suas histórias de vida por meio de desenhos, textos coletivos e legendas. Em 2011, a continuidade do Projeto Memória Local na escola contou com a constituição de um grupo de formadores locais, que, por sua vez, acompanhou novos professores e alunos participantes do projeto. No segundo ano, foram 11 moradores entrevistados.

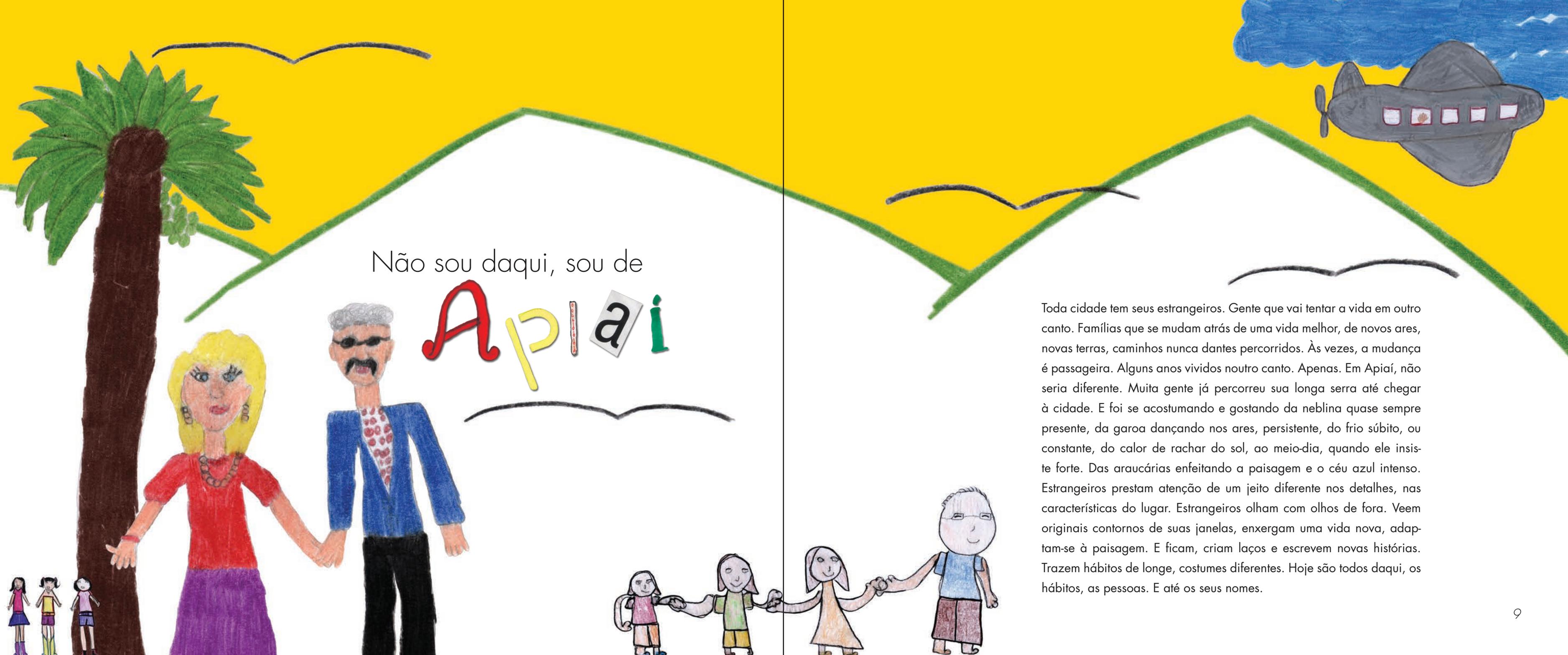
A cada relato são reveladas diferentes relações com a cidade, oferecendo ao leitor uma visão multifacetada do local, comprometida tanto com as percepções pessoais, como com a memória coletiva de Apiáí, compondo cenários de diversas épocas e lugares da ci-

dade e suas proximidades. Conversando com esses relatos, organizamos alguns boxes informativos e/ou históricos sobre os temas envolvidos nas histórias de vida.

A expressão “mar de histórias”, tão notória entre contadores e escritores, era usada em sânscrito para referir-se ao universo das narrativas, que sempre desvelaram ao leitor ou ouvinte novos territórios, que os envolveram em aventuras, paixões e descobertas. Emprestamos essa conhecida expressão, trocando o mar pelo rio. Aqui temos nosso rio de histórias. Uma referência aos rios que banham a região do Vale do Ribeira. E a uma das versões sobre o nome de Apiáí, que em tupi-guarani significa “Rio Menino”.

Convidamos a todos para um mergulho nas histórias de meninos e meninas, hoje homens e mulheres de Apiáí.

Mas, antes, não podemos deixar de agradecer aos moradores da cidade que compartilharam as suas histórias de vida com as crianças, aos educadores envolvidos nessa trajetória, a todos os alunos que registraram e ilustraram com seus lindos desenhos a história de Apiáí e ao João Cristino dos Santos, “Seu Janguito”, que nos ofereceu um rico depoimento sobre a memória dessa cidade.



Não sou daqui, sou de

Apiaí

Toda cidade tem seus estrangeiros. Gente que vai tentar a vida em outro canto. Famílias que se mudam atrás de uma vida melhor, de novos ares, novas terras, caminhos nunca antes percorridos. Às vezes, a mudança é passageira. Alguns anos vividos noutra cidade. Apenas. Em Apiaí, não seria diferente. Muita gente já percorreu sua longa serra até chegar à cidade. E foi se acostumando e gostando da neblina quase sempre presente, da garoa dançando nos ares, persistente, do frio súbito, ou constante, do calor de rachar do sol, ao meio-dia, quando ele insiste forte. Das araucárias enfeitando a paisagem e o céu azul intenso. Estrangeiros prestam atenção de um jeito diferente nos detalhes, nas características do lugar. Estrangeiros olham com olhos de fora. Veem originais contornos de suas janelas, enxergam uma vida nova, adaptam-se à paisagem. E ficam, criam laços e escrevem novas histórias. Trazem hábitos de longe, costumes diferentes. Hoje são todos daqui, os hábitos, as pessoas. E até os seus nomes.

## Yakisoba no Vale do Ribeira

Foi exatamente assim, mudando até de nome, que **Hiroshi Higushi**, ou melhor, João, dono da conhecida lanchonete Champagná, virou cidadão de Apiaí. Cidadão, diga-se de passagem, famoso por trazer um novo hábito alimentar. Afinal, a maioria nunca tinha ouvido falar ou provado o tal do *yakisoba*. Foi preciso que João – ou ainda era o Hiroshi? – batalhasse muito vendendo a iguaria japonesa pelas ruas da cidade, contando com a propaganda boca a boca e com a curiosidade do apiaiense. E não é que o *yakisoba* conquistou mesmo?

### Yakisoba

O *yakisoba* é um prato de origem chinesa, que em japonês significa literalmente “macarrão frito”. Ele tem uma aparência suculenta, com muitos legumes, carnes e, claro, o macarrão. Hum... O fácil preparo e o custo acessível tornaram o *yakisoba* um prato mundialmente popular, consumido em diversos lugares, de *fast-foods* a feiras populares.

Fonte: <http://nikkeypedia.org.br>. Acesso: outubro de 2011.

*Hiroshi Higushi* nasceu na cidade de Pirajuí, no dia 12 de março de 1943. Morou em várias cidades, como Franca, Itararé, Conchal e Capão Bonito.

Ainda criança ouvia de sua mãe músicas e histórias em japonês, inclusive sobre a guerra de que fugiram. Ele era um menino muito peralta e aprontava como qualquer outra criança; subia em árvores, pescava no tanque do vizinho e apanhava frutas escondido de sua mãe, que era bastante rígida. Naquela época era difícil comprar um brinquedo, então Hiroshi confeccionava seus próprios brinquedos, como: carrinho de rolimã, carrinhos de madeira com rodas de carretéis, fazia pipas, bolas de meias e piões para brincar.

Hiroshi é da família de agricultores que encontraram em Apiaí terra favorável para o cultivo da agricultura. Então se mudaram para cá, dedicando-se ao cultivo de tomate, alface, cenoura, entre outros.

Desde os 11 anos de idade, ele ajudava seus pais na lavoura e, nos momentos de folga, paquerava uma menina que era sua vizinha. Com o passar do tempo, cresceram, apaixonaram-se, casaram e formaram uma família.

Senhor Hiroshi viajou para vários países, como Estados Unidos, Coreia do Sul

e Japão, para onde levou toda sua família em busca de uma vida melhor. Assim que retornou para o município de Apiaí, abriu um negócio, uma lanchonete que recebeu o nome de Champagná em homenagem a uma biblioteca que conheceu e marcou sua vida.

Seu negócio prosperou devido à experiência que tinha na cozinha, mas como tudo no começo é difícil, ele enfrentou dificuldades para adquirir freguesia. Além dos lanches e pizzas, também fazia um prato japonês conhecido como *yakisoba*, que para os outros moradores de Apiaí era desconhecido. Por isso necessitou divulgá-lo e fazer entregas em domicílio, vender em feiras e de loja em loja.

O trabalho autônomo do Senhor Hiroshi foi difícil, mesmo assim ele venceu e não consegue ver-se fazendo outra coisa ou morando em outra cidade que não seja Apiaí.

O Senhor Hiroshi é uma pessoa simpática e querida por todos, gosta de coisas simples e pratos comuns (arroz, feijão, bife e salada) e de assistir a um bom filme de *bangue-bangue*. Por ser essa pessoa querida, todos os seus amigos lhe chamam de Seu João, uma forma carinhosa de dizer que o Senhor Hiroshi faz parte da história de nossa gente.



## A vida é doce

Araçaíba é pertinho de Apiaí. Seu Bira não precisou viajar tanto quanto os pais de Hiroshi. Mas sentir-se bem num novo lugar, adotá-lo como seu, não tem a ver com a distância, e sim com o quanto podemos nos identificar. Araçaíba é logo ali, mas foi em Apiaí que **Ubirajara Pacheco Carvalho Filho** resolveu criar suas raízes. É desta paisagem que ele gosta, é este o contorno que lhe apetece olhar de sua janela, todos os dias.

*Se há alguém que dispensa apresentação em nossa cidade, esse alguém é Seu Bira, por ser o dono da loja de doces, a Palazzin.*

*Ele nasceu no dia 15 de junho de 1951, em Araçaíba. E, para homenagear o seu pai, sua mãe deu-lhe o nome de Ubirajara Pacheco Carvalho Filho.*

*Sua família mudou-se para Apiaí quando ele tinha somente um ano e até hoje todos moram aqui. Ele adora essa cidade, a paisagem lhe encanta.*

*Seu avô materno foi prefeito de Apiaí e seu avô paterno foi o primeiro advogado. Ele sente muita falta dos seus avôs. Como a maioria das famílias do interior, Seu Bira também tem uma grande família, composta por oito irmãos.*

*Como todo menino, Seu Bira adorava brincar com carrinhos e fazer "cavalinho" com o cabo da vassoura para brincar com seus irmãos e amigos na rua da sua casa. Quando menino, Seu Bira tinha muito medo de aranhas – ele sentia pânico ao ver aquele bicho com tantas pernas!*

*Estudou o primário na Escola Amadeu Mendes. Não era um aluno nota 10, mas não faltava às aulas.*

*Desde menino, ele descobriu sua vocação para o comércio. Com nove anos, já vendia revistas e jornais nas ruas e de porta em porta.*

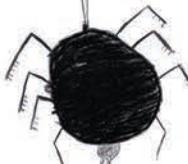
*Cresceu, fez curso de técnico em contabi-*

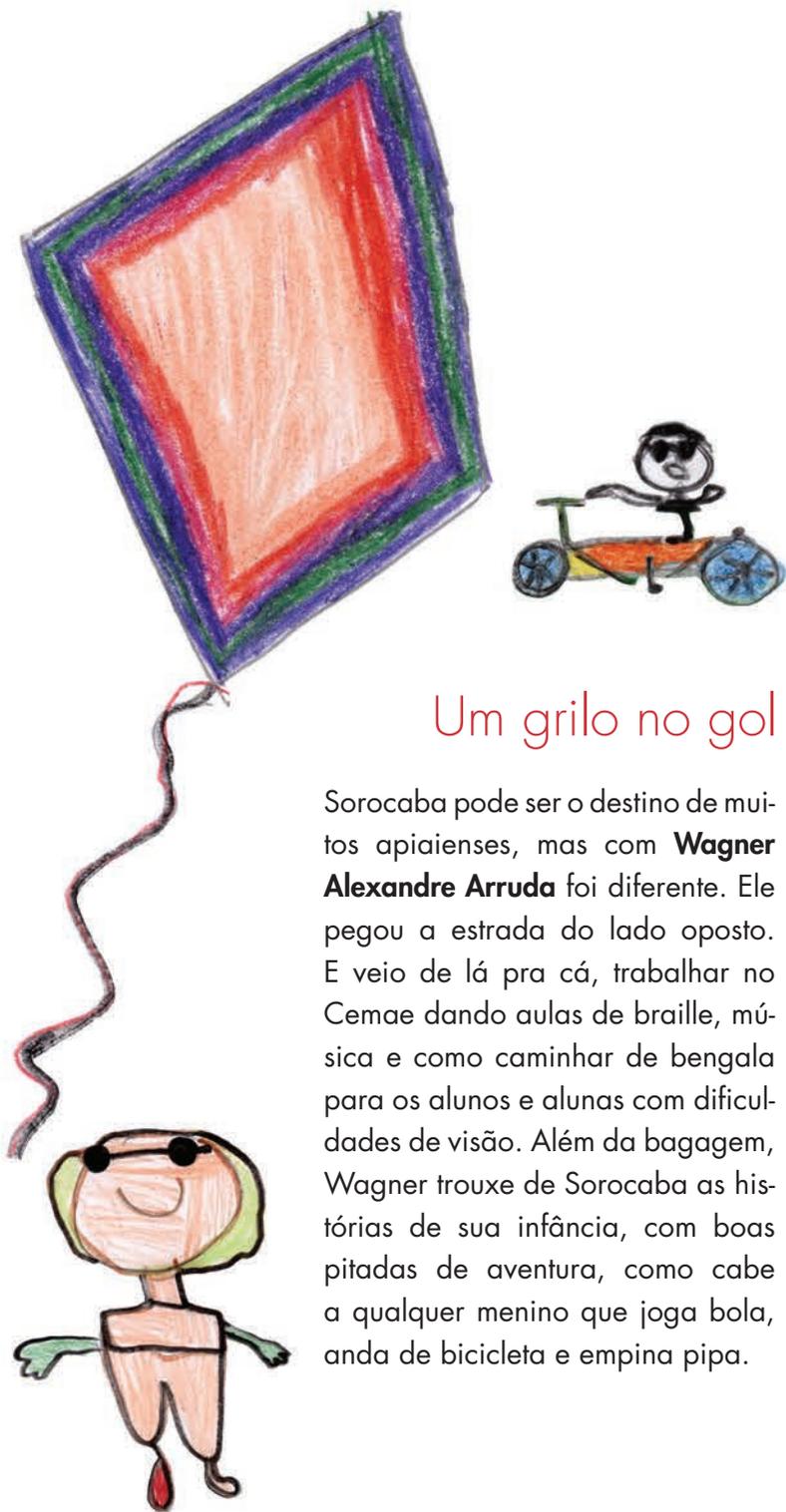
*lidade e foi trabalhar na Indústria Camargo Corrêa, mas não por muito tempo, pois do que ele mais gostava era de trabalhar com vendas.*

*Então Seu Bira resolveu ter seu próprio negócio e montou uma loja de autopeças. Depois resolveu vender só pneus, estava contente, pois estava fazendo o que mais gostava – “trabalhar com vendas”. Em 1995, Mário Ângelo Palazzin resolveu oferecer sua loja de doces para Seu Bira, mas lhe fez um pedido: que não mudasse o nome da loja. Ele prontamente atendeu e até hoje temos a loja de doces Palazzin, que vende em média 400 doces por dia.*

*Seu Bira é casado há 33 anos, é pai de três filhas e vovô de uma netinha. Seu Bira as considera as pessoas mais importantes de sua vida. Um fato que o deixa muito triste é a morte de seu filho com 20 dias de vida. Sua esposa tinha feito uma homenagem para ele dando ao filho o nome de Ubirajara Pacheco Carvalho Neto.*

*Suas filhas adoravam ouvir as histórias que ele contava, mas quando ele contou a do “passarinho”, elas gostaram tanto que todas as noites queriam ouvir a mesma. Ele é que não aguentava mais contar a história do passarinho! Seu Bira, como todo bom pai de família, sonha em acompanhar o crescimento da netinha e ver as formaturas das filhas.*





## Um grilo no gol

Sorocaba pode ser o destino de muitos apiaienses, mas com **Wagner Alexandre Arruda** foi diferente. Ele pegou a estrada do lado oposto. E veio de lá pra cá, trabalhar no Cemae dando aulas de braille, música e como caminhar de bengala para os alunos e alunas com dificuldades de visão. Além da bagagem, Wagner trouxe de Sorocaba as histórias de sua infância, com boas pitadas de aventura, como cabe a qualquer menino que joga bola, anda de bicicleta e empina pipa.

Um belo menino cego chamado Wagner Alexandre Arruda, nasceu no dia 25 de agosto de 1974, na cidade de Sorocaba.

O apelido do Wagner é "grilo", porque ele é pequeno e falador.

Desde criança brincava de futebol com seus amigos; no campo, ele era o goleiro, mesmo sendo cego.

Um dia ele estava andando de bicicleta e queria estacionar na calçada, mas foi parar embaixo de um caminhão que ali estava parado, porque não enxergava nada.

O Wagner ainda soltava pipa num campo quando, de repente, enroscou a linha na árvore; um amigo subiu e soltou-a para ele continuar a brincadeira.

Quando ia para a escola, pegava o circular junto com a sua mãe. Um dia, ao descer, pegou na mão de uma mulher, ela soltava a mão dele, mas o Wagner segurava. Ele ouvia a mãe chamando e pensou como a voz dela podia estar longe, até que ela o alcançou e pegou sua mão.

Hoje, Wagner é professor no Cemae – Centro Municipal de Atendimento Especializado, de alunos cegos. Ensina braille, música, caminhar de bengala. Braille é a letra dos cegos, feita de pontinhos.

Ele aprendeu braille aos 7 anos, numa escola para cegos em Sorocaba.

Wagner é casado, tem duas filhas, um irmão e a mãe. Seu pai morreu de câncer. Para ele, seus pais são especiais, porque o tratavam como uma pessoa normal.

Ele toca instrumentos musicais como o violão, tambor, teclado e canta muito bem.



### Braille

Braille é um processo de escrita em relevo para leitura tátil, inventado por Louis Braille (1809-1852). Compõe-se de 63 sinais, formados por pontos, a partir de um conjunto matricial idêntico a uma sena de dominó, ao alto. Com o braille, é possível representar letras simples e acentuadas, pontuações, algarismos, sinais algébricos e notas musicais. Representam-se os alfabetos latino, grego, hebraico, cirílico e outros, bem como os alfabetos e outros processos de escrita das línguas orientais.

Fonte: Biblioteca Braille do Amazonas e Instituto Benjamin Constant. Disponível em: [www.bv.am.gov.br](http://www.bv.am.gov.br) e [www.ibr.gov.br](http://www.ibr.gov.br). Acesso: outubro de 2011.



## Apiáí, Líbano

Da mesma forma que os pais de Hiroshi (ou de João, se preferir), **Clair Daud Nicolas Hadi** veio de muito longe. De um país chamado Líbano. Como em muitas histórias de imigrantes, Clair veio tentar uma vida melhor, pois seu país estava em guerra. E não é que encontrou? Demorou um pouco até descobrir Apiáí, que, afinal, tem semelhanças com seu país natal. Não é tão grande como São Paulo, a primeira cidade em que ela morou no Brasil, e há ainda a ladeira da Concórdia, que lhe traz boas lembranças, há o mercado e as brincadeiras infantis que se repetem por aqui – você acredita que Clair pulava amarelinha libanesa? Tudo isso, de alguma forma, faz com que Apiáí tenha um pouco do Líbano. Para a Clair e para quem a conhecer.



*Clair Daud Nicolas Hadi nasceu em 14 de agosto de 1955 em Ain Arab, no Líbano. Seu nome é de origem francesa, porque seu pai gostava muito de nomes franceses, então, ele escolheu este para ela, que em português significa Clara.*

*A família de Clair é de origem libanesa. A cidade em que morava lá no Líbano era pequena, por isso podia ir sozinha à casa da avó, mãe da mãe dela. A avó contava muitas histórias para os netos ao redor da lareira e servia para eles uvas-passas, pipocas, castanhas, figos secos e doce de cereja.*

*Clair brincava muito de boneca de pano, que ela mesma confeccionava junto com suas primas. Pulava amarelinha e jogava cinco pedrinhas; quando ia jogar, sua prima sempre ganhava, porque tinha a mão maior que a de Clair e conseguia catar tudo de uma vez se fosse preciso.*



Os seus pais se conheceram nas missas, festas, passeios, até que se casaram. Clair sempre se lembra de sua casa quando sobe a "Ladeira da Concórdia", porque sua casa ficava no alto e tinha escadas para chegar até ela. Era uma casa simples, humilde e que tinha arcos.

Quando era pequena, havia um moço chamado Merhege que brincava dizendo que se casaria com ela. Clair tinha medo dele querer se casar com ela daquele tamanho que estava, então, quando o via se escondia.

Certo dia, Clair estava cantando na igreja, quando Merhege a viu moça, bonita, se apaixonou, namoraram um ano e sete meses até se casarem. Merhege tinha feito uma promessa que, se conseguisse se casar com Clair, a levaria até a imagem de Nossa Senhora do Líbano e ele cumpriu a promessa. Clair se casou com quase 15 anos e Merhege tinha 28 anos.

Tiveram três filhos: Lora, Suzana e Jorge. As meninas nasceram no Líbano, Jorge nasceu aqui no Brasil.

Vieram para o Brasil em 1976, por motivo da guerra e, como já tinham parentes morando aqui, ficou mais fácil. Clair estranhou no começo, por causa do calor e também pelo tamanho do nosso país, porque lá no Líbano não faz tanto calor e é um país pequeno, formado por aldeias.

Morou um ano em São Paulo, mas aconteceu um problema: um dia, uma de suas filhas estava brincando no pátio do prédio em que moravam e apareceu um homem convidando a menina para passear; quando viu isso, Clair quis sair de São Paulo. Como o esposo já gostava muito de fazenda, resolveram comprar uma e morar no interior que é mais tranquilo, então vieram para Apiaí, em 1977.

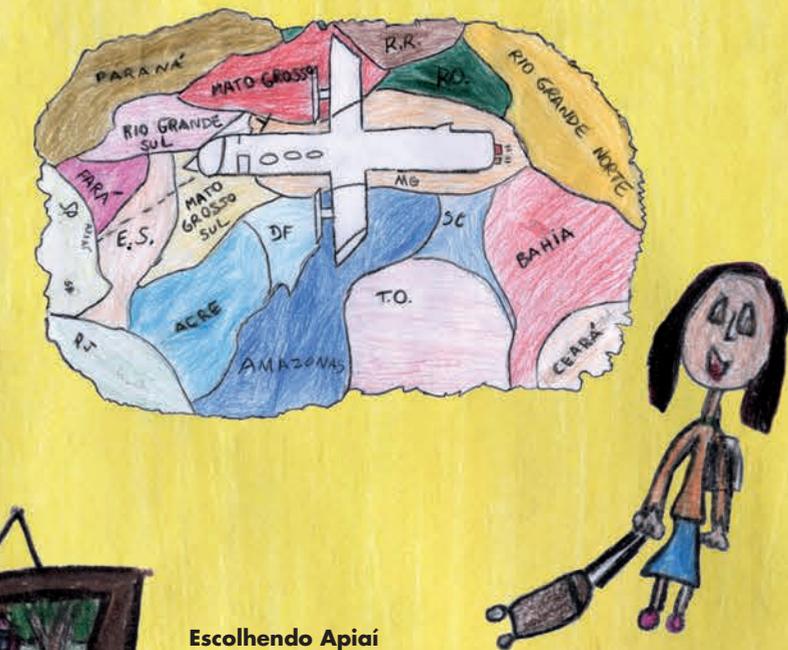
A Apiaí daquela época tinha poucas casas, poucos comércios e nem todas as ruas eram lajotadas. O prédio da escola ALA era da Camargo Corrêa e ela ainda não era uma escola para crianças.

Aqui no Brasil, no começo, Clair ficou mais cuidando dos filhos. Depois que estavam maiores, ela decidiu continuar seus estudos. Estudou até a 8ª série na Escola Regina e foi nessa mesma época que surgiu a ideia de montar o supermercado.

O supermercado começou a funcionar em 1992 e foi montado com a ajuda dos filhos e do marido. No início, eram poucos clientes, mas depois foi aumentando. A ideia do nome do supermercado surgiu quando o filho de Clair era pequeno. Ele falava que queria ter um "mercadinho" e ela lhe dizia que um dia montaria um para ele. A promessa foi cumprida! Hoje em dia, possuem dois supermercados: "São Jorge" e "São Jorge Express".



Dona Clair gosta de tudo em seu trabalho, principalmente, do contato com as pessoas, das amizades que faz e do amor que tem pelas crianças, porque ama "muto, muto" as crianças. Descansar só de noite e quando tira férias, uma vez por ano, para visitar sua filha mais velha, seu genro e seus três netos: Anthony, Joseph e Gabriella Maria, que moram no Canadá, e outros familiares, que moram nos Estados Unidos.



### Escolhendo Apiaí

Chamamos de migração todos os movimentos de pessoas de um país a outro, ou de um lugar geográfico a outro dentro de um mesmo país, com mudança de residência. Mas os patos também não migram? Sim, eles também migram, por diversos motivos, como a mudança das estações e até mesmo devido a alterações hormonais. Mas, no caso, estamos falando das pessoas que vieram para Apiaí. A maioria de seus habitantes era composta por descendentes de índios, negros e portugueses. Após as duas guerras mundiais (1914-1918/1939-1945), muitos imigrantes alemães, italianos, espanhóis e, sobretudo, japoneses, vieram para a região. Com eles, trouxeram muito conhecimento e novos costumes, como o plantio do tomate e o gosto pelas diferentes culinárias. Além das pessoas de muito longe, outros também chegaram, aqui do Brasil mesmo, e com contribuições importantes para compor a identidade apiaiense. O que será que essa terra tem que tanto encanta as pessoas? E você? O que o fascina quando abre a janela pela manhã?

Fonte: Instituto Nacional de Estatísticas e Prefeitura de Apiaí. Disponível em: [www.ine.gov.mz](http://www.ine.gov.mz) e [www.apiai.sp.gov.br](http://www.apiai.sp.gov.br). Acesso: outubro de 2011.



Logo ali, bem

PERTO

A cidade se espalha por suas cercanias e arredores. Inventa vizinhanças entre os bairros mais afastados por meio das pessoas que se encontram, se conhecem ou preservam laços. A cidade vai até um pouco além, se espalha até a cidade ao lado e até a outra ainda. A cidade estende as suas fronteiras porque as pessoas descobrem novos lugares, criam bairros. E entre essas fronteiras sempre um pouco móveis, a identidade de uma cidade é o que as pessoas vivem nela, em seus bairros, nas ruas, nos morros. As referências dos lugares são pessoais, subjetivas. O morro pode ser o lugar das caminhadas e do reencontro com as memórias da infância, o bairro isolado não é tão vazio, porque se torna povoado de histórias e experiências. A cidade traz em suas pedras e placas, em seus caminhos e praças as histórias das pessoas que nela vivem.

## Onde Araçaíba encontra Itaoca

Como é que duas cidades podem se encontrar, quando são quase vizinhas? Embora Araçaíba esteja perto de Itaoca, curvas e matas a separam. Será impossível a união dessas duas cidades? Depende do ponto de vista. As cidades estão cravadas no mapa, mas pessoas podem se mudar. E foi assim, com a mudança de um rapaz de Itaoca para Araçaíba, que Dona **Alaíde Dias de Lima** encontrou seu par. Depois de um tempo, eles vieram parar bem no meio do caminho. E nesse meio do caminho, tinha a cidade de Apiaí.



*Alaíde Dias de Lima, uma senhora aposentada muito feliz, que tem 71 anos, nasceu no dia 27 de julho 1939, em Araçaíba, distrito de Apiaí.*

*Quando era criança, era uma menina muito levada. Adorava correr, pular, dançar, cantar e pular corda com as amigas. Também andava a cavalo e jogava futebol, era goleira.*

*Adorava pescar no rio perto de sua casa e brincava com peteca, todos os dias. Também brincava de casinha, suas bonecas eram de sa-bugo.*

*Quando completou 11 anos, ganhou uma boneca de verdade de seu padrinho. Foi a maior felicidade – mas sua felicidade durou pouco. Um dia, colocou a boneca para dormir, durante a noite choveu e a boneca derreteu. Ficou muito triste, chorou o dia todo e não foi para a escola de tanta tristeza.*

*Estudou até a 8ª série na escola de Araçaíba.*

*Dona Alaíde lembra com saudades da época em que ouvia novela no rádio e viajava para Itapeva para estudar.*

*Foi professora durante seis anos. Exigia dos alunos respeito. Um dia quebrou a régua no ombro de um aluno sem educação.*

*Em Araçaíba havia o Cartório de Registro Civil. Lá trabalhou como cartorária.*

*Algum tempo depois, veio morar em Araçaíba um rapaz de Itaoca. Eles se conheceram em uma festa e se apaixonaram... Alaíde estava apaixonada, então decidiu se casar.*

*Após o casamento, a família começou a crescer. Ela teve sete filhos. São quatro homens e três mulheres. E a família foi aumentando: hoje, ela tem 20 netos.*

*Hoje é uma bisavó muito feliz, tem oito bisnetos.*

*Atualmente mora em Apiaí, em frente à Escola Elisa. Quando se mudou para essa rua, não existia asfalto, nem a escola; havia somente mato.*

*Ela gosta de ficar em casa, cozinhando no seu fogão a lenha, ouvindo rádio. Ouvindo rádio, ela faz crochê e ainda cuida de seus bisnetos e netos para as mães poderem trabalhar.*

*Dona Alaíde participa do Clube da Vovó.*

*Seu passatempo preferido é viajar com as vovós. Nas viagens é uma das mais animadas. Canta, dança, conversa, brinca com todo mundo.*

*Até hoje ainda gosta de pescar. No Natal, ganhou uma vara, ficou superfeliz. Também gosta de cantar – a música faz parte de sua vida e de suas paixões.*



## De casa em casa, no bairro Caximba

Seu Pedro da Erva entende muito daquilo que vende. Conhecimento que aprendeu dos pais. É disso que ele vive hoje em dia. Se você for um dia ao bairro Caximba, poderá conferir. Mas Seu Pedro da Erva sabe também bastante da vida. E, pelas casas do bairro Caximba, não leva apenas remédios naturais, ele também carrega a sua história, de menino do Vale do Ribeira e de adolescente de épocas conturbadas da ditadura militar em nosso país. Portanto, se você for passear pelo bairro Caximba e encontrar **Pedro Siqueira Duarte**, pode estar certo de que numa conversa ele terá bastante o que contar.



### Brinquedos e muita imaginação

Hoje entramos nas lojas de brinquedos e encontramos várias opções: bonecos, jogos e até mesmo videogames. Antigamente isso não existia. E se, por um lado, não havia essa variedade de brinquedos, por outro, a fantasia e a criatividade das brincadeiras mais diversas estavam presentes. Era muito comum encontrarmos bonecas feitas de sabugo de milho, exércitos de caixinhas de fósforo e muitas crianças brincando na rua. Até fezes de animais se transformavam em armas letais em um "campo de batalha"! Em Apiaí, muitas crianças foram presenteadas por brinquedos de madeira, feitos por Horácio Lara, conhecido artesão da cidade, que deixa saudades. Nada como a imaginação e bons amigos para brincar!

Senhor Pedro Siqueira Duarte, mais conhecido como "Seu Pedro da Erva", tem 52 anos, é nascido e morador do bairro Caximba. Ele se casou, teve um filho e atualmente é separado. Seu filho mora em Sorocaba.

No bairro Caximba, ele é vendedor ambulante de ervas medicinais. Seu conhecimento sobre elas vem de seus pais, que o ensinaram no decorrer da vida.

Seu Pedro teve uma vida difícil. Estudou só até a 3ª série. Havia muitas dificuldades para ir até a escola, devido à distância e ao trabalho sofrido na lavoura. No pouco período em que frequentou a escola, ele gostava muito de jogar bolinha de gude e também futebol.

Ainda na escola, os meninos costumavam brincar de guerra com fezes de animais. Um dia, no auge da brincadeira, a professora, que na época era muito severa, o chamou e bateu

em suas mãos com uma régua. Desse tempo ele não tem saudade!

Na escola, a merenda era precária. Os pais colaboravam na compra ou mandavam das suas produções na lavoura para a alimentação dos alunos; quanto aos materiais escolares, eram doados pelo governo do Paraná ao Estado de São Paulo e ainda era escrito no material recebido pelos alunos a frase "Material Doado para os Alunos Pobres do Vale do Ribeira".

Os poucos brinquedos que Pedro tinha em sua infância eram confeccionados por ele mesmo, com materiais reaproveitados.

Viveu sua adolescência na época da ditadura militar. Desse tempo, Pedro não tem saudade, pois era uma época em que não se podia dar opiniões contra o governo. Ele diz: "Se déssemos, com certeza éramos punidos com a morte. Muitos de meus amigos desapareceram."

### Morro do Ouro

Apiáí foi fundada para organizar a região e a exploração do morro do Ouro. Inicialmente, foi encontrado ouro de aluvião e, depois, com a exaustão das reservas de minério secundário superficial, foi iniciada a lavra subterrânea, que funcionou de maneira intermitente entre 1889 e 1942. Durante muitos anos, o morro ficou abandonado e só em 1998 a área foi transformada em parque, tendo como objetivo a preservação do meio ambiente e a criação de um ponto turístico e de lazer para a cidade.

### Morro do Ouro 2

Há uma lenda que diz que, durante a exploração de um túnel, lá nos tempos da colônia, houve um desmoronamento matando 150 escravos. À noite, à porta dos inúmeros túneis do morro, ouvem-se sussurros, lamentos e pedidos de socorro... Alguém se arrisca?

### Morro do Ouro 3

Conta-se que antigamente, naqueles dias de chuva, as mulatas iam levar mantimentos para os escravos apoiando-se em taquaras. Depois, quando lavavam a peça, extraíam ouro em pó, que ficava grudado, e o salpicavam no cabelo para desfilar em mais tarde nos salões de festas.

### Morro do Ouro 4

O morro ficava cheio de gente, parecia um formigueiro – fora escavado de ponta a ponta em busca do ouro. Antigos moradores contam que explosões de dinamite ecoavam pelas ruas da cidade, e copos tremiam em cima das mesas de almoço...

## No morro do Padre, cheiro de mato e infância

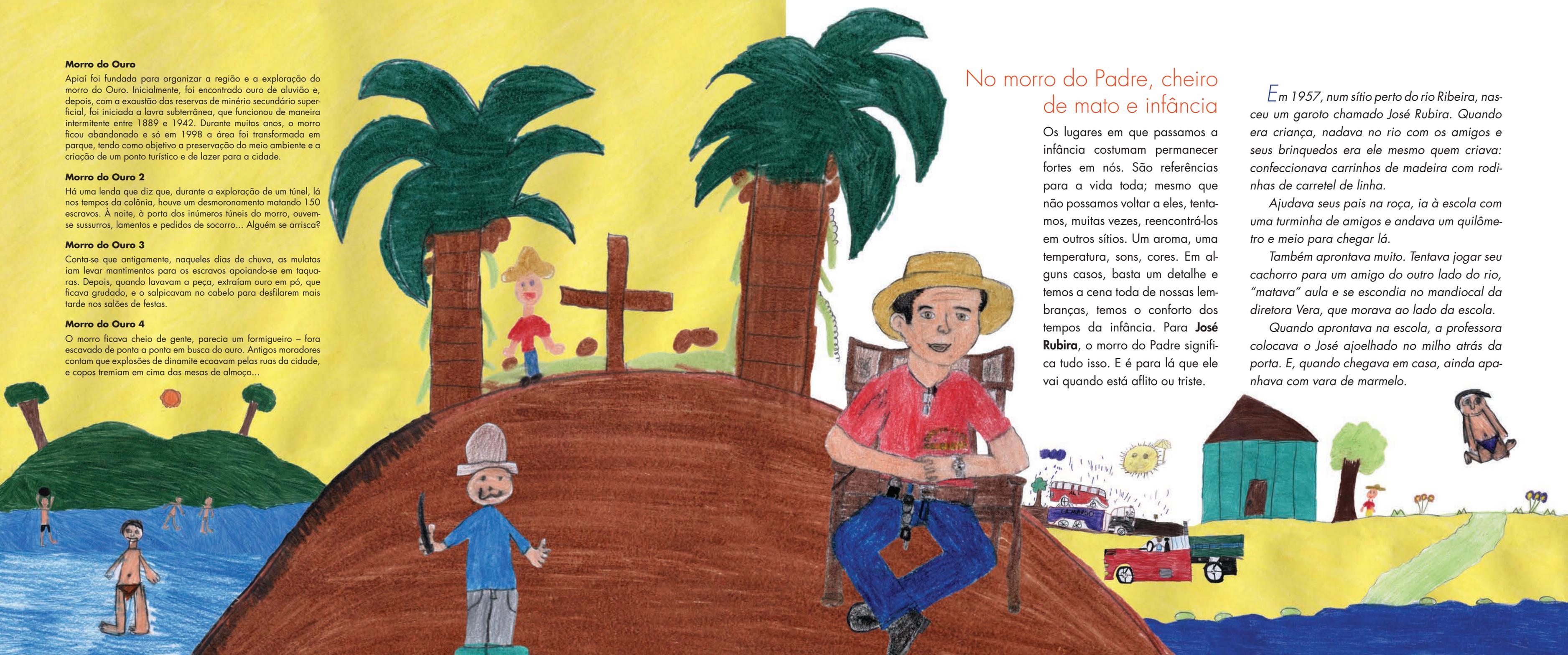
Os lugares em que passamos a infância costumam permanecer fortes em nós. São referências para a vida toda; mesmo que não possamos voltar a eles, tentamos, muitas vezes, reencontrá-los em outros sítios. Um aroma, uma temperatura, sons, cores. Em alguns casos, basta um detalhe e temos a cena toda de nossas lembranças, temos o conforto dos tempos da infância. Para **José Rubira**, o morro do Padre significa tudo isso. E é para lá que ele vai quando está aflito ou triste.

*Em 1957, num sítio perto do rio Ribeira, nasceu um garoto chamado José Rubira. Quando era criança, nadava no rio com os amigos e seus brinquedos era ele mesmo quem criava: confeccionava carrinhos de madeira com rodinhas de carretel de linha.*

*Ajudava seus pais na roça, ia à escola com uma turminha de amigos e andava um quilômetro e meio para chegar lá.*

*Também aprontava muito. Tentava jogar seu cachorro para um amigo do outro lado do rio, “matava” aula e se escondia no mandiocal da diretora Vera, que morava ao lado da escola.*

*Quando aprontava na escola, a professora colocava o José ajoelhado no milho atrás da porta. E, quando chegava em casa, ainda apanhava com vara de marmelo.*



Um dia, a diretora descobriu que Zé se escondia no mandiocal para "matar" aula.

Quando José chegou em casa, sua mãe queria lhe bater com a vara de marmelo, então correu para o quintal e subiu numa goiabeira, porque estava com muito medo de apanhar.

Sua mãe mandou:

- Desce daí agora, Zé!
- Não, porque a senhora vai me bater!
- Desça daí que eu não bato em você.
- Jura por Deus?
- Não, jurar por Deus é pecado!
- Então, eu não desço!

A mãe pede para o irmão de José buscar a foice...

E ela ameaça:

- Desce, senão eu corto a árvore e você vai cair nas pedras!

- Eu não vou descer!

Então a mãe deu uma batida com a foice e a árvore balançou. Ele disse:

- Eu desço!
- Jura por Deus que você vai descer?
- Não, a senhora não disse que jurar por Deus é pecado!?!?

Nisso, o pai chega e pergunta o que está acontecendo. O Zé responde:

- A mãe tá querendo bater em mim!
- Ela explica o que aconteceu. O pai fala:
- Desce daí que eu te seguro!

- Jura por Deus que vai me segurar?

- Juro.

Ele desce e seu pai o segura, só que é para a mãe lhe bater.

José foi crescendo e só tirava notas ruins. Aos 18 anos, veio morar em Apiaí e conseguiu um emprego de motorista de caminhão na empresa Camargo Corrêa, mas não gostava desse trabalho.

Depois de algum tempo se casou e teve três filhos. Junto com sua mulher montou uma barracquinha de verduras na feira. Com o passar do tempo, surgiu a ideia de vender pastéis, porque sua esposa sabia fazê-los. No começo, desperdiçava muita massa, mas com o tempo conseguiu acertar e, conseqüentemente, a freguesia aumentou.

Com o dinheiro montou uma pastelaria. Hoje em dia, José Rubira tem alguns funcionários. Sua rotina é entre a casa e a pastelaria. Ele acorda 5 horas da manhã, vai para a pastelaria preparar a massa; 8 horas volta para casa dar banho em seu pai, dar café da manhã e colocá-lo no sofá e depois volta para a pastelaria; ao meio-dia vai almoçar e dar almoço para seu pai e retorna à pastelaria; 3 horas da tarde, vai para casa dar outro banho em seu pai e volta para a pastelaria; então, no final do dia, fecha seu estabelecimento. Toda quarta-feira e todo sábado, ele monta sua barraca na feira.



## HINO DE APIAÍ

Letra: Augusto Batista Canto  
Adaptação musical e arranjos: Profª Izabel Fernandes Lourenço

Minha terra natal, Apiaí  
Um trono assim tão alto  
Eu nunca vi  
Com nuvens circundando o respaldar  
É o morro D'Ouro alçando-se nos céus.  
Que vai agradecer ao Senhor Deus  
As graças que te deu sem regatear  
Cai o sol na crista descalvada  
Numa orquestra de vento conjugada  
Ao bramido selvagem dos trovões  
A floresta medrosa se estremece  
Enquanto a tarde morre e a noite desce  
Envolvendo em tristeza os corações  
Enquanto a tarde morre e a noite desce  
Envolvendo em tristeza os corações  
Apiaí com ouro nas bateias

Nos salões, à luz frouxa das candeias  
Ardendo nos candeeiros fumegantes  
Os cabelos das damas se adornavam  
E as pepitas douradas cintilavam  
Ao som dos sapateados retumbantes.  
E as pepitas douradas cintilavam  
Ao som dos sapateados retumbantes.  
Sob a densa cortina de garoa  
Cujas fama por toda parte ecoa  
Apiaí achou o rumo certo  
Impávido, com passos de gigante  
Avança pela estrada fulgurante  
De um destino grandioso e já bem perto  
Avança pela estrada fulgurante  
De um destino grandioso e já bem perto.

Fonte: [www.apiai.sp.gov.br](http://www.apiai.sp.gov.br)  
Acesso: outubro de 2011.

## Como brincava esse menino do bairro Bom Retiro!

Há pessoas que estão entranhadas num lugar. Que têm sua vida misturada a uma só terra. Será essa uma vida mais simples? Ou seria mais intensa? Não sabemos ao certo se há uma regra apenas para quem passa toda a vida num só lugar; o que sabemos é que **Sebastião Rodrigues da Silva** viveu a sua infância de forma intensa. Hoje ele tem inúmeras lembranças sobre a época em que brincava e se divertia no bairro Bom Retiro. Será por isso que nunca mais saiu de lá?

# A SIMPLES HISTÓRIA DE SEBASTIÃO



Sebastião sempre morou no bairro Bom Retiro. Ele e sua família nunca saíram de lá, eram muito unidos.

O tempo foi passando, Sebastião foi crescendo e chegou a hora de ir para a escola. Ele estudava na igreja do bairro, pois naquela época não havia escola.

Um dia, seus irmãos, cansados de trabalhar na lavoura, decidiram ir embora do bairro para tentar uma vida melhor na cidade. Com isso, Sebastião ficou muito triste, pois sempre gostou de ver sua família toda reunida.

Sebastião foi crescendo e ficando mais velho. Ele se lembra de como era boa a sua infância e lembra as suas brincadeiras de criança: sua brincadeira favorita era a janga-janga. Ele também adorava fazer estripulia e arte. Quanta saudade ele sente de suas artes...

Uma arte que ele nunca se esqueceu aconteceu numa festa de Santa Cruz, em que ele e os amigos se reuniram para aprontar mais uma. Sebastião foi caminhar no ribeirão fugindo da festa com seus amigos e já bagunçando na água. Ele encontrou uma carteira com dinheiro e a guardou no bolso, pois não tinha onde gastar e continuaram a brincar no ribeirão abaixo.

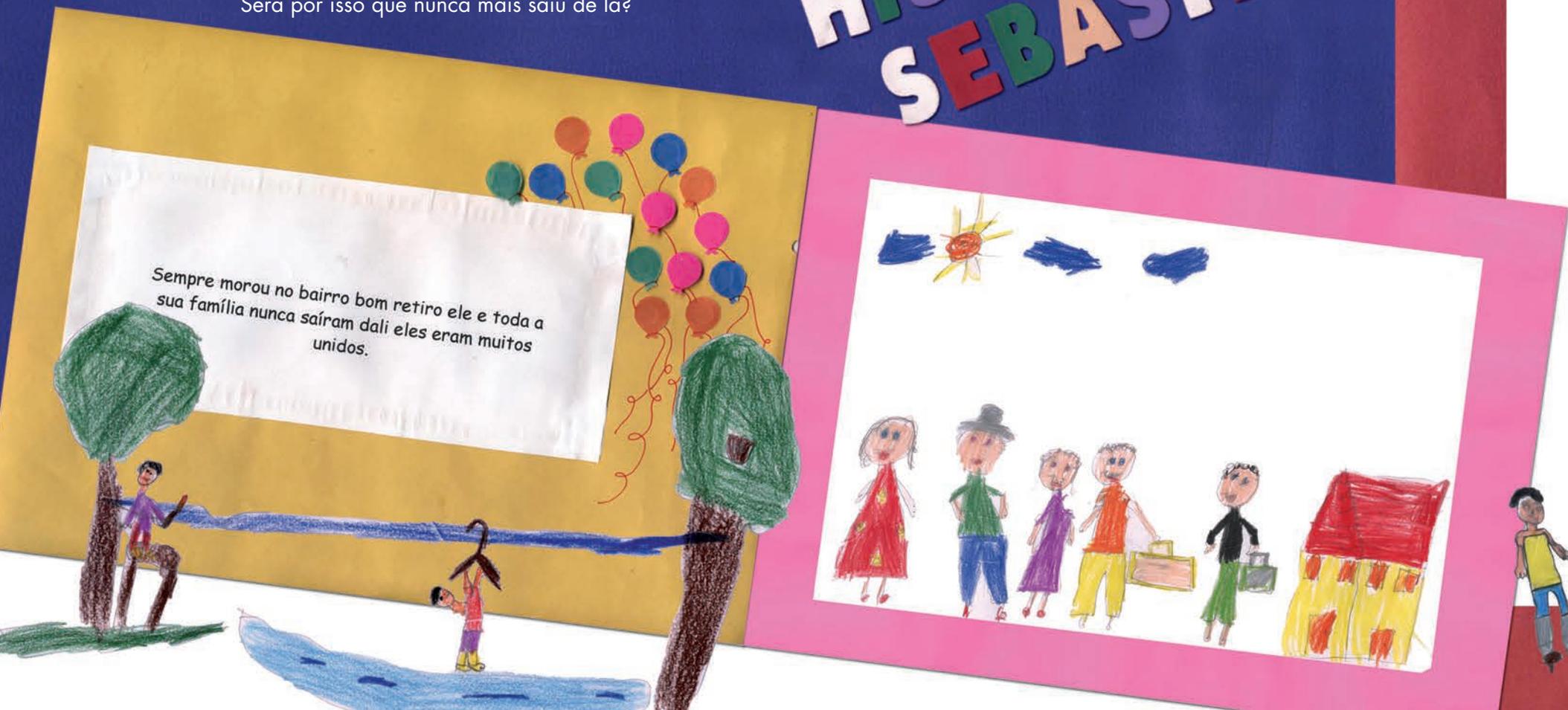
Foi quando encontrou uma senhora nervosa, pois tinha perdido a carteira com o dinheiro, então Sebastião devolveu a carteira para a senhora e continuaram a brincar na água.

O tempo foi passando e a fome foi aumentando. Foi quando tiveram a ideia de roubar ovos, para assar e comer. Entraram no galinheiro de um sítio, roubaram os ovos e saíram correndo.

Chegando perto do ribeirão, fizeram uma fogueira e colocaram os ovos no fogo sem saber o que iria acontecer. Foi aí que levaram o maior susto: os ovos começaram a estourar e voar pelos ares.

A fome era tanta que começaram a comer os ovos assim mesmo. Sebastião querendo dar um sabor a mais foi até a casa de uma conhecida e pediu sal, dizendo que era para colocar na gabioba, mas era mais uma mentira! Ele levou o sal para pôr nos ovos. Comeram até se lambuzar.

Como foi bom o tempo de criança! Hoje só pensa em melhorias para o bairro, pois ele é muito carente, está precisando de um telefone público e também de uma ponte. Sebastião vive no mesmo lugar a vida simples e humilde, tirando da terra o seu sustento de todos da família: a mãe, que já está bem de idade, a esposa e os filhos que são a base de tudo.



# A E I O U

## A menina trabalhadora e sorridente do bairro Benvindo

O começo da vida muitas vezes coincide com o começo de um lugar. De uma cidade, de um bairro. O lugar distante, onde colocamos os nossos sonhos, mas também onde é possível começar: o preço da terra cabendo no bolso de quem é jovem, de quem acabou de se casar. De quem ainda sonha com a família que vai criar. Essa foi a história de **Aparecida de Almeida dos Santos** e do bairro Benvindo.



Em uma bela manhã ensolarada do dia 4 de abril de 1941, numa cidadezinha do interior do Estado de São Paulo chamada Itapirapuã Paulista, no Vale do Ribeira, nasceu a sorridente Aparecida.

A sorridente Aparecida teve uma infância muito pobre. Não tinha calçados nem roupas.

Desde pequena Aparecida teve que ajudar seus pais na criação dos seus irmãos mais novos.

Era ela quem lavava as roupas da família.

Era ela quem cozinhava para a família.

Ela quem passava as roupas da família.

Às vezes, quando seus pais estavam muito apurados com a lida da terra, Aparecida também ia para a roça ajudar a carpir, plantar e colher.

Aparecida teve uma infância muito pobre. Ela mesma é quem fazia suas bonecas com restos de panos velhos e cabelos de espigas de milho e sabugos.

Ela tinha muitas amigas.

Gostava de brincar de amarelinha.



E de futebol com os irmãos.

Era uma menina muito sapeca. Certo dia, ela jogou uma pedra na testa de seu irmão que caiu no chão desmaiado.

Aparecida mais que depressa foi correndo pedir ajuda para os outros irmãos.

Ela carrega uma tristeza. Só os irmãos é que puderam estudar, pois, naqueles tempos, os pais não permitiam que as meninas estudassem com professor homem.

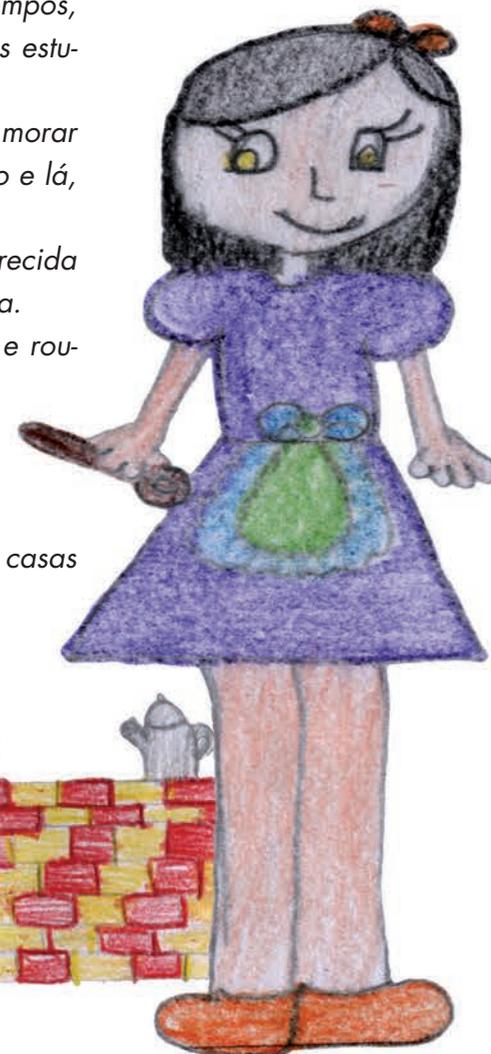
O bairro em que Aparecida veio morar quando se casou chamava-se Benvindo e lá, naquela época, só tinha quatro casas.

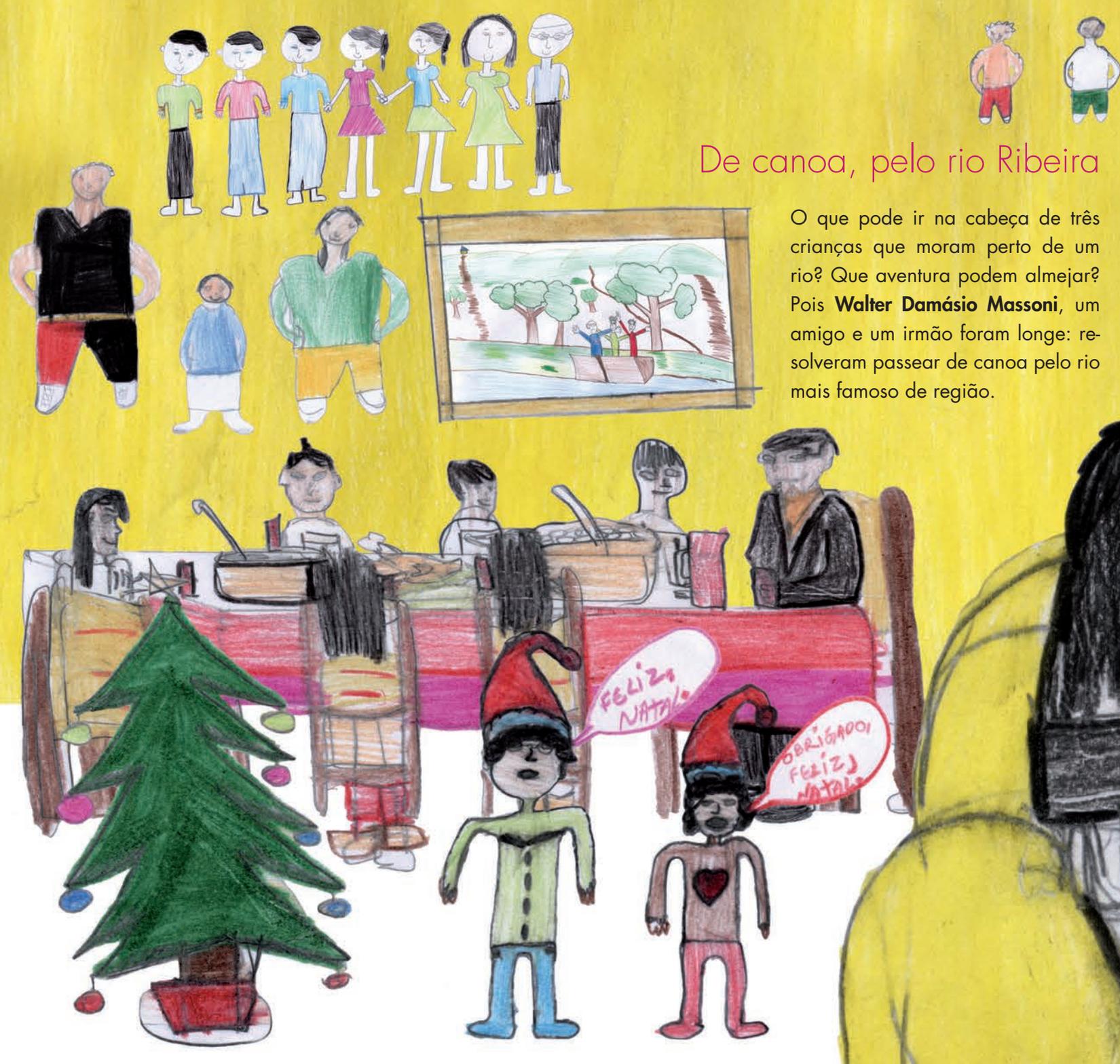
Nesse bairro, a vida de Dona Aparecida foi muito difícil, não tinha luz nem água.

Às vezes, tinha que dar alimentos e roupas para pagar o aluguel.

Mais tarde, a Sabesp instalou uma torneira pública para que todos tivessem água limpa para beber.

Hoje seu bairro cresceu e tem 400 casas com muito conforto, e ela é muito feliz.





## De canoa, pelo rio Ribeira

O que pode ir na cabeça de três crianças que moram perto de um rio? Que aventura podem almejar? Pois **Walter Damásio Massoni**, um amigo e um irmão foram longe: resolveram passear de canoa pelo rio mais famoso de região.

○ Senhor Walter nasceu em São Paulo, no ano de 1934, e passou a sua infância na pequena cidade de Ribeira, onde teve poucas brincadeiras e diversões.

Sua família era grande, composta pela sua mãe, Jacira, seus cinco irmãos e seu avô Manuel, que era advogado, mas não tinha diploma. Não chegou a conhecer o seu pai, porque este havia falecido poucos meses antes dele nascer.

Seu Walter nos contou que a sua mãe era dona de uma pensão e que havia policiais e professores que moraram lá por meses; com esse dinheiro, Dona Jacira sustentava os seus cinco filhos.

Quando ele e os seus irmãos eram pequenos, brincavam de bola, bolinha de gude e pião na rua e na escola.

A escola dele era pequena, mas também era confortável e tinha muitos alunos.

Um dia, Seu Walter desceu de canoa pelo rio Ribeira, com um amigo e um irmão, e ficou 24 horas fora de casa! Quando chegou em casa, levou uma surra de sua mãe, Jacira.

Seu Walter saiu de Ribeira com apenas sete anos de idade. Aqui também era uma cidade pequena e brincava com as mesmas coi-



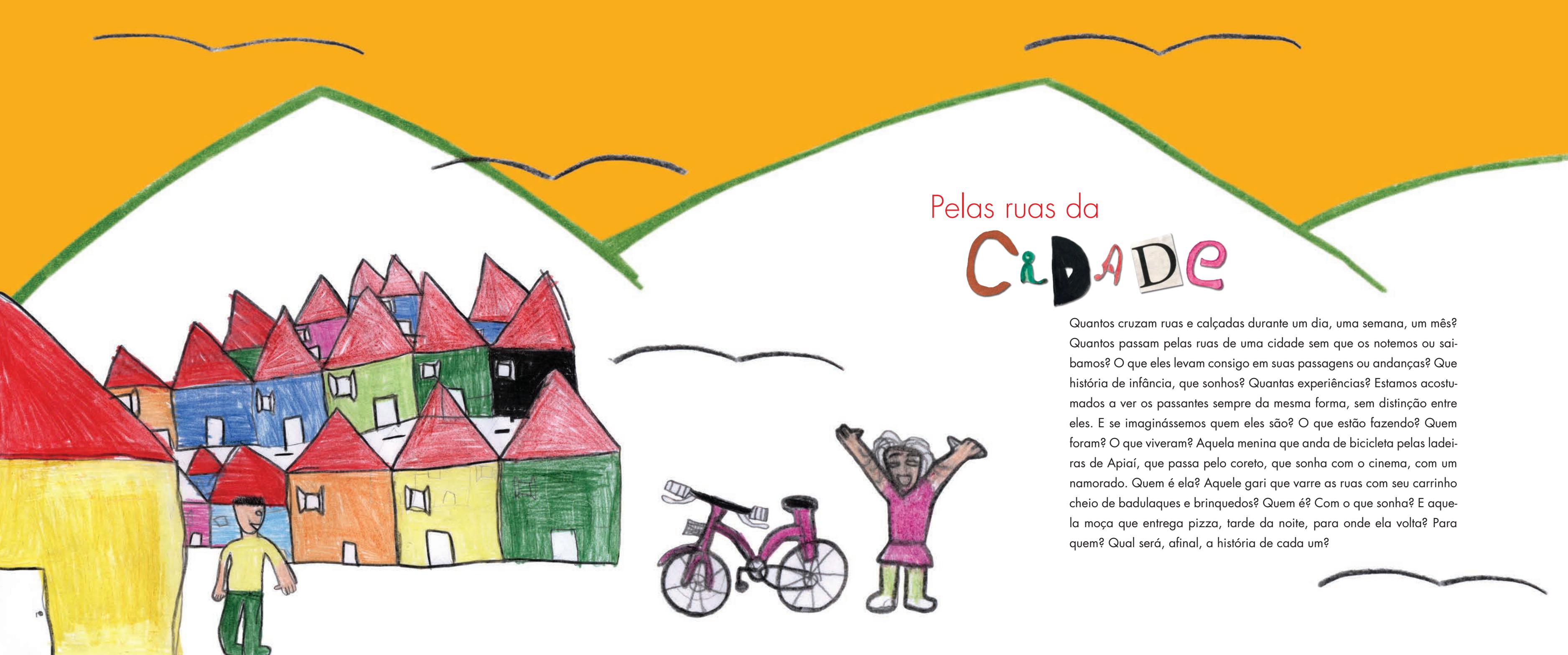
sas: bola, bolinha de gude e de rodar pião. Sua família reunia-se em vários Natais, festas e reuniões de aniversário e quando viajavam também. Ficavam sempre felizes.

A sua juventude foi normal, muito calma, tranquila, mas divertida junto com seus amigos. Em sua juventude, conheceu a sua futura esposa, num desfile da escola onde os dois estudavam; namoraram seis anos e depois se casaram e tiveram três filhos.

O primeiro emprego do Seu Walter foi no Fórum de Apiaí. Lá conheceu um juiz que falou para ele estudar e ser um grande advogado igual ao seu avô.

Seu Walter nos contou que um dia foi defender uma pessoa, mas não conseguiu e ficou muito chateado e triste. Disse também que num outro momento foi ajudar outra pessoa e, de repente, a juíza escorregou e caiu na frente deles! Tiveram uma grande surpresa!





Pelas ruas da

# CIDADe

Quantos cruzam ruas e calçadas durante um dia, uma semana, um mês? Quantos passam pelas ruas de uma cidade sem que os notemos ou saibamos? O que eles levam consigo em suas passagens ou andanças? Que história de infância, que sonhos? Quantas experiências? Estamos acostumados a ver os passantes sempre da mesma forma, sem distinção entre eles. E se imaginássemos quem eles são? O que estão fazendo? Quem foram? O que viveram? Aquela menina que anda de bicicleta pelas ladeiras de Apiaí, que passa pelo coreto, que sonha com o cinema, com um namorado. Quem é ela? Aquele gari que varre as ruas com seu carrinho cheio de badulaques e brinquedos? Quem é? Com o que sonha? E aquela moça que entrega pizza, tarde da noite, para onde ela volta? Para quem? Qual será, afinal, a história de cada um?

## Da janela, a visão da neblina

Quando ainda não morava em Apiaí, **Cristina Santos Leme** já admirava a sua paisagem – será que ela já sabia que escolheria a cidade para fincar seus pés? Ela era uma menina e vinha passar férias na casa de parentes, percorria as ruas da cidade – as mesmas que ela conheceria tão bem, alguns anos mais tarde.



No ano de 1964, nasceu na cidade de Piedade, interior do Estado de São Paulo, a menina que recebeu o nome de Cristina Santos Leme. Apenas três anos depois, seu pai veio a falecer, deixando sua esposa grávida da segunda filha do casal.

Logo após a morte de seu pai, Cristina e sua mãe grávida de cinco meses saíram da cidade de Piedade para ir morar com seus avós maternos na cidade de Barra do Turvo, que também fica no Estado de São Paulo.

A infância de Cristina foi muito divertida. Uma das razões era porque seu avô contava muitas histórias, umas engraçadas e outras assustadoras para ela, sua irmã e suas amigas que eram vizinhas. Quando ia deitar, lembrava-se das histórias assustadoras, então dormia com o lampião a que-rosene aceso e acordava com o seu nariz todo pretinho. Outra razão era que ela gostava de brincar em um rio que havia perto de sua casa e, quando sentia fome, passava correndo entre os gansos que ficavam no terreno perto da casa da Dona Maria. Ao chegar, ela pedia arroz e alface passados no óleo, o que até hoje lembra com muito carinho.

Foram essas e outras brincadeiras, como boneca, casinha, cozinhadinha, passeios pela natureza que divertiram sua

infância, pois já tinha 12 anos quando conheceu uma televisão e, mesmo assim, não ficava muito tempo em frente a ela, preferindo se divertir com as amigas.

Antes de vir definitivamente para Apiaí, Cristina gostava de visitar sua tia, porque ficava na janela observando a paisagem esbranquiçada pela neblina, pois na sua cidade todo dia fazia sol. Quando Cristina, sua mãe, irmã e avós mudaram-se para Apiaí, foram morar em uma casa na Rua Primeiro de Maio, onde hoje é a Papelaria Arco-Íris. Nessa cidade, ela voltou a estudar na Escola Gonçalves Dias, onde hoje é a Diretoria de Ensino.

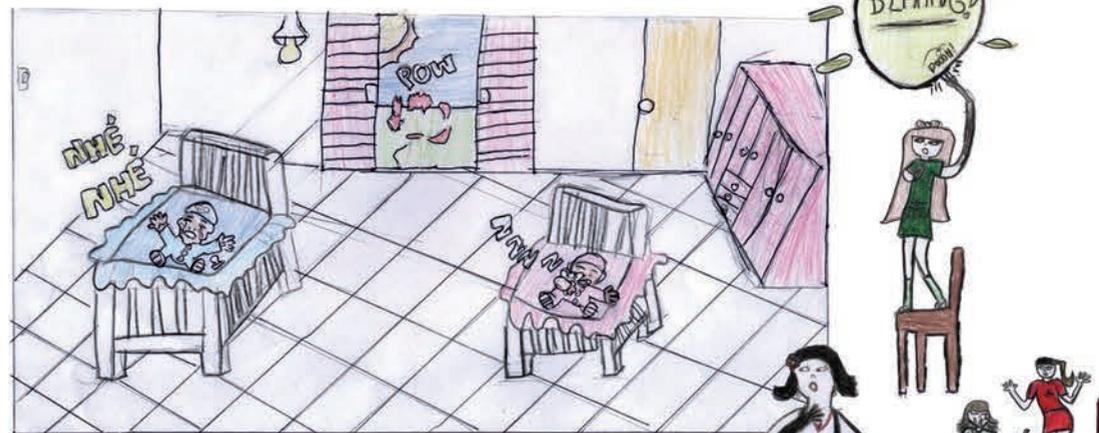
Quando saía da escola, ia com suas amigas pegar peras plantadas perto de onde hoje se localiza a praça central da cidade. Além dessas e outras travessuras, ela gostava de brincar de salão de beleza com suas amigas e primas. Numa dessas brincadeiras, Cristina fez uma trança na franja de sua prima e cortou-a bem na raiz, deixando-a muito triste com a falha no cabelo.

Certo dia estava assistindo televisão e viu duas propagandas, uma de sabonete cremoso em que o ator virava o frasco e escorria bem bonito, o que chamou sua atenção, e outra do chocolate Galak, em que o

ator conseguia encher um copo. Então, se dirigiu ao antigo Supermercado Takiguchi, que ficava onde hoje se localiza a Loja Imperial, e fez com que o funcionário chacoalhasse bastante a caixa de sabonete e a abrisse para ver se ele estava cremoso e depois foi comprar o chocolate Galak em um bar e, quando chegou em casa, foi logo virá-lo em um copo para ver se o enchia, sem saber que deveria colocar leite.

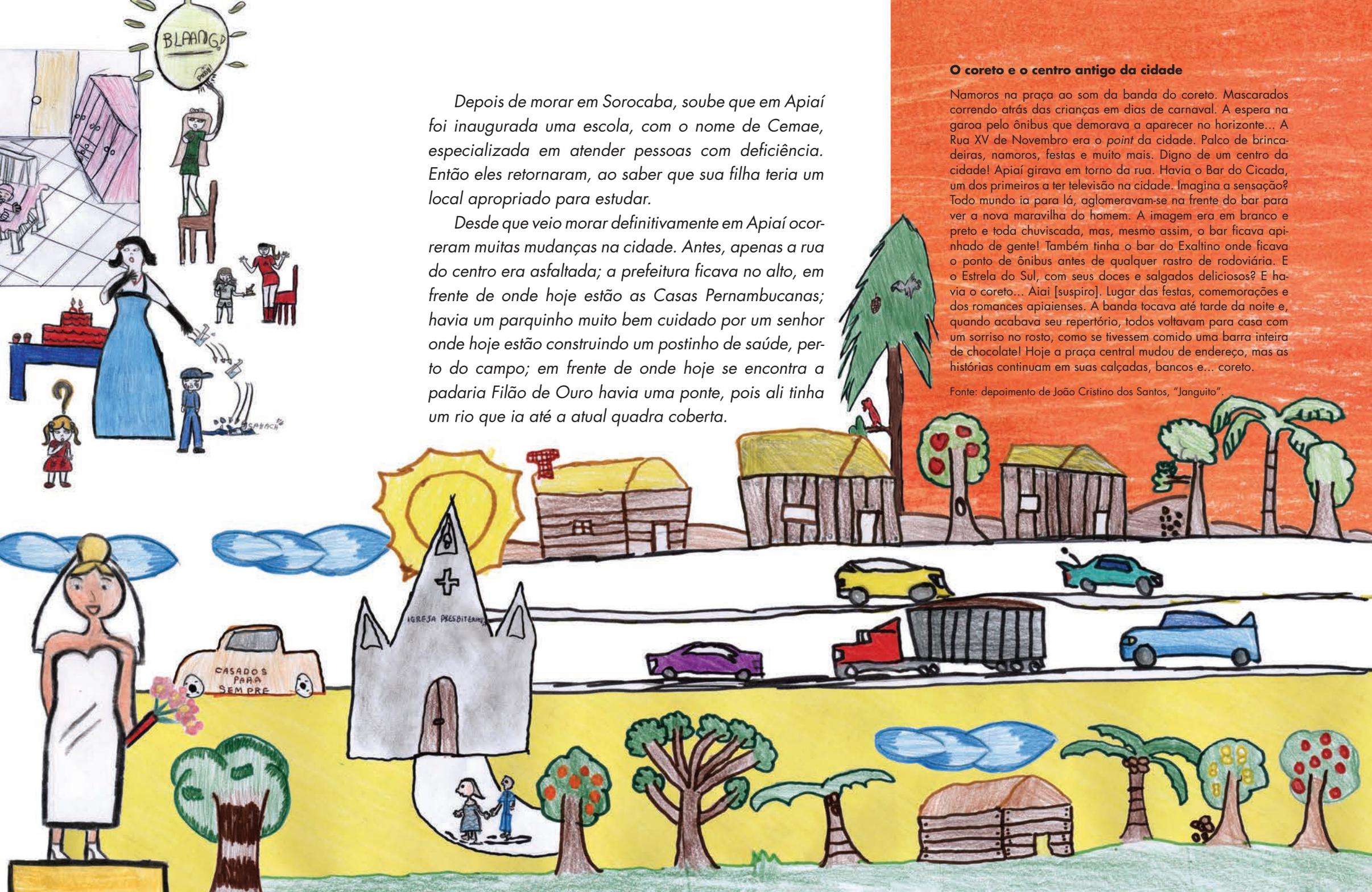
Com o passar dos anos, Cristina foi trabalhar na farmácia de sua tia, até que um dia chegou um rapaz para tomar uma injeção que necessitava de teste para verificar se ele era alérgico. Após realizar o teste e para dar tempo de reação, ela foi até o balcão e quando voltou ele não estava mais lá. Como a cidade era pequena e a mãe do rapaz era bem conhecida, Cristina conseguiu entrar em contato com ele pedindo que voltasse para tomar a injeção, ele achou que ela estava paquerando-o e quando chegou na farmácia para, enfim tomar a injeção, disse que iria casar-se com ela, o que a deixou assustada.

Algum tempo depois se conheceram melhor e passaram a namorar, ficaram noivos e se casaram. Seu marido não queria que ela trabalhasse fora, então foi ajudar sua amiga no salão de beleza e percebeu que



gostava e queria fazer, podendo trabalhar em sua casa. Nessa época, ela já tinha um filho, então transformou o quarto dele em salão de beleza, fez cursos e aí passou a atender algumas pessoas.

Na sua segunda gravidez, atendeu um menino que estava com rubéola e lhe transmitiu a doença. Indo ao médico, foi aconselhada a fazer um aborto por não saber o que iria causar ao bebê. Por um tempo, ficou com trauma de pessoas de branco. Após os nove meses, nasceu sua filha, saudável. Mas houve um fato que fez com que ela descobrisse que sua filha era surda: ao estourar uma bexiga, seu filho mais velho chorou de susto e a menina, que já estava com onze meses, não esboçou nenhuma reação. Após descobrir o problema de sua filha, resolveu mudar-se para Sorocaba para aprender mais sobre o assunto e poder ajudar sua filha, ficando lá por cinco anos.



#### O coreto e o centro antigo da cidade

Namoros na praça ao som da banda do coreto. Mascarados correndo atrás das crianças em dias de carnaval. A espera na garoa pelo ônibus que demorava a aparecer no horizonte... A Rua XV de Novembro era o *point* da cidade. Palco de brincadeiras, namoros, festas e muito mais. Digno de um centro da cidade! Apiaí girava em torno da rua. Havia o Bar do Cicada, um dos primeiros a ter televisão na cidade. Imagina a sensação? Todo mundo ia para lá, aglomeravam-se na frente do bar para ver a nova maravilha do homem. A imagem era em branco e preto e toda chuviscada, mas, mesmo assim, o bar ficava apinhado de gente! Também tinha o bar do Exaltino onde ficava o ponto de ônibus antes de qualquer rastro de rodoviária. E o Estrela do Sul, com seus doces e salgados deliciosos? E havia o coreto... Aiai [suspiro]. Lugar das festas, comemorações e dos romances apiaienses. A banda tocava até tarde da noite e, quando acabava seu repertório, todos voltavam para casa com um sorriso no rosto, como se tivessem comido uma barra inteira de chocolate! Hoje a praça central mudou de endereço, mas as histórias continuam em suas calçadas, bancos e... coreto.

Fonte: depoimento de João Cristino dos Santos, "Janguito".

## Se meu carrinho falasse

Personagens de uma cidade também fazem parte de sua paisagem. Se você já passou pelo Bairro Alto da Tenda, deve ter visto Seu Jair limpando as ruas na companhia de seu carrinho. Seu **Jair Maria Betim** foi menino criado no bairro, no famoso Lar Batista, e tem histórias emocionantes do tempo em que viveu sob os olhos do pastor que cuidava do lar. Hoje, Jair ainda é um pouco aquele menino que brinca-trabalha nas ruas.



Em 1959, nasceu o Seu Jair no bairro Alto da Tenda, em Apiaí. Ele morava numa casinha de madeira. Depois de um tempo, sua mãe morreu e o pai se casou com uma madrasta muito ruim e brava! Ela batia e brigava, era chata e colocou o Seu Jair num orfanato que era o Lar Batista, em Apiaí. Este Lar tinha muitas crianças, as meninas dormiam na parte de cima e os piás dormiam na parte de baixo.

Quem cuidava do Lar era um pastor, que era muito bravo com todas as crianças: deixava de castigo e batia. Todos os dias, com chuva ou sol, Seu Jair ia descalço e a pé para a escola. Ele levava o material dentro de um saco de arroz e perdia tudo pelo caminho. Quando chegava na escola, ele ficava com vergonha dos colegas. Quando Seu Jair ia embora para o Lar, encontrava o pastor bravo com as crianças que lá estavam e ele também tinha medo de apanhar!

Com o tempo, Seu Jair foi crescendo, mesmo assim continuou com medo de ir para a escola, porque ele passava em frente à escola das freiras, que se chamava ALA, e também tinha medo dos policiais que trabalhavam perto da sua escola. O Seu Jair só se divertia quando brincava com o seu carrinho que ele mesmo tinha feito, subia nele e descia a rua do Lar Batista.

Com o passar dos anos, ficou mais velho e saiu do Lar Batista. Aos 20 anos, passou a tra-

balhar na Camargo Corrêa, na construção da fábrica. Quando estava trabalhando, ele caiu de 17 metros de altura em um monte de pó de serra e só se machucou um pouco! Também nos contou que tinha caído neve em Apiaí nessa época e que a nossa cidade era diferente, só tinha casas feitas de madeira e muito mato na maior parte da região.

Hoje em dia a cidade mudou muito e Seu Jair também. Ele se casou, tem três filhos e se tornou gari, trabalha alegre pelas ruas do bairro Alto da Tenda onde mora.

Um dia, estava trabalhando perto de um restaurante chamado Boleia, achou uma carteira com dinheiro no valor de mil reais e guardou até o dono ir procurar. Seu Jair percebeu que um homem estava procurando alguma coisa e foi conversar com ele sobre o acontecimento; então Seu Jair encontrou o dono da carteira, devolveu e foi honesto, o homem deu um pouco de dinheiro para agradecer.

Seu Jair trabalha com um carrinho diferente, parecido com o da sua infância, cheio de peças achadas de reciclagem, bem interessante. As pessoas se admiram quando olham a sua criatividade na montagem do carrinho, às vezes tiram fotos, porque nas cidades grandes não tem igual.

Ele vive feliz com a sua família e o seu trabalho de gari, nas ruas de Apiaí.





## Namoro ou bicicleta?

Tem gente que não sabe se compra uma bicicleta ou se casa. É uma dúvida cruel! Mas **Gislene Aparecida Araújo** não parece ter sofrido desse mal, na vida, ela teve tempo para tudo. Primeiro, a bicicleta. Pelas ruas da cidade de Apiaí, Gislene “voou” muito em sua “magrela”, entre as praças e os morros dos bairros em que viveu. Depois é que veio a época de namorar. E até do cinema de Apiaí, que infelizmente não existe mais. Bicicleta e cinema. Boas lembranças na história de muitos de nós, boas lembranças na história de Gislene.



**G**islene cresceu na cidade de Apiaí e estudou em várias escolas, porque seus pais mudavam muito de bairro. Ela se lembra que todas as ruas eram de terra, as casas eram de madeira, as crianças gostavam de escorregar no barro e faziam seus próprios brinquedos.

Além das brincadeiras, gostavam de andar de bicicleta, brincar de queimada, brincar de bola e pular corda; ela gostava de queimada e de andar de patins com seus colegas.

Gislene tinha vontade de ter sua própria bicicleta para andar com suas amigas nas ruas e praças da sua pequena cidade. Certo dia estava em sua casa quando, de repente, seu pai chegou com uma linda bicicleta, ela pulou de alegria, correu para mostrar às suas amigas e chamá-las para passear.

Na época em que estudava, não gostava muito da aula de Matemática porque tinha que saber de cor a tabuada, sua professora era severa e exigente e quase repetiu de ano quando estava na quarta série; teve que estudar bastante! No entanto, a professora de Português marcou sua vida. Ela se chamava Valquíria e era muito querida por todos.

Nem tudo era alegria. Sua melhor amiga a magoou durante o recreio numa brincadeira de mau gosto, tirou sua touca e todos riram dela, pois sua mãe havia lhe raspado a cabeça por causa de piolho.

Gislene passou por muitas dificuldades, principalmente na escola. Seus pais não tinham condições financeiras e, por esse motivo, ela precisou trabalhar.

Começou na casa de sua professora de Matemática e, com seu salário, comprou um par de tênis para a aula de Educação Física. Isso a deixou muito orgulhosa, pois assim poderia participar das aulas com as demais colegas.

Ainda estudando, conheceu Carlinhos e começaram a namorar.

Relata que em Apiaí tinha um cinema, e o primeiro filme a que assistiu junto com o namorado foi Tubarão. Gislene jamais se esqueceu desse dia. Namoravam muito, inclusive na praça, e só depois de dez anos de namoro casaram-se e tiveram suas duas filhas.

Quando sua primeira filha completou um aninho, fizeram a primeira decoração para festas com o tema da Disney. Surge aí sua profissão de decoradora de festas. No início de sua carreira, não tinha muitos objetos de decoração, contava apenas com uma toalha verde e dois temas infantis.

Com o nascimento de sua segunda filha ela parou de trabalhar e passou a fazer só decoração para festas. Aí, quando sua filha completou dois anos, começou a trabalhar na Ordem dos Advogados do Brasil (OAB) no período da manhã e, no período da tarde, cuida de sua casa e faz decorações.

“Brulô – Decorações e Festas Infantis”, em homenagem às filhas Bruna e Lorena. Foi por elas que tudo começou. Um enfeite após o outro e ela foi montando seu negócio. Hoje, além de festas infantis, faz decorações, eventos e muito mais. Assim vive Gislene: decorando e se divertindo ao mesmo tempo.





## Nas horas vagas, em minha moto

Nas horas vagas? Nem tanto assim. **Rose Antonio Cardoso** faz das suas horas vagas um tempo para trabalhar mais um pouquinho, entregando pizzas pela cidade de Apiaí. Sorte é que, entre um trabalho e outro, Rose teve tempo de dar uma entrevista. Assim, a gente pode conhecer a sua vida. Que é como a de muitos outros que precisam trabalhar muito para sustentar a casa e a família.



**C**erta vez, em um pequeno povoado chamado Taquaruçu, nasceu uma linda menina chamada Rosenilda Antonio Cardoso.

Seus pais vieram de Pernambuco e se conheceram ali mesmo no bairro.

E tiveram seus cinco filhos. Logo seus pais se separaram e Rose teve que ajudar a mãe na criação de seus irmãos.

Apesar disso, Rose era uma criança feliz.

Gostava muito de jogar futebol com seus primos.

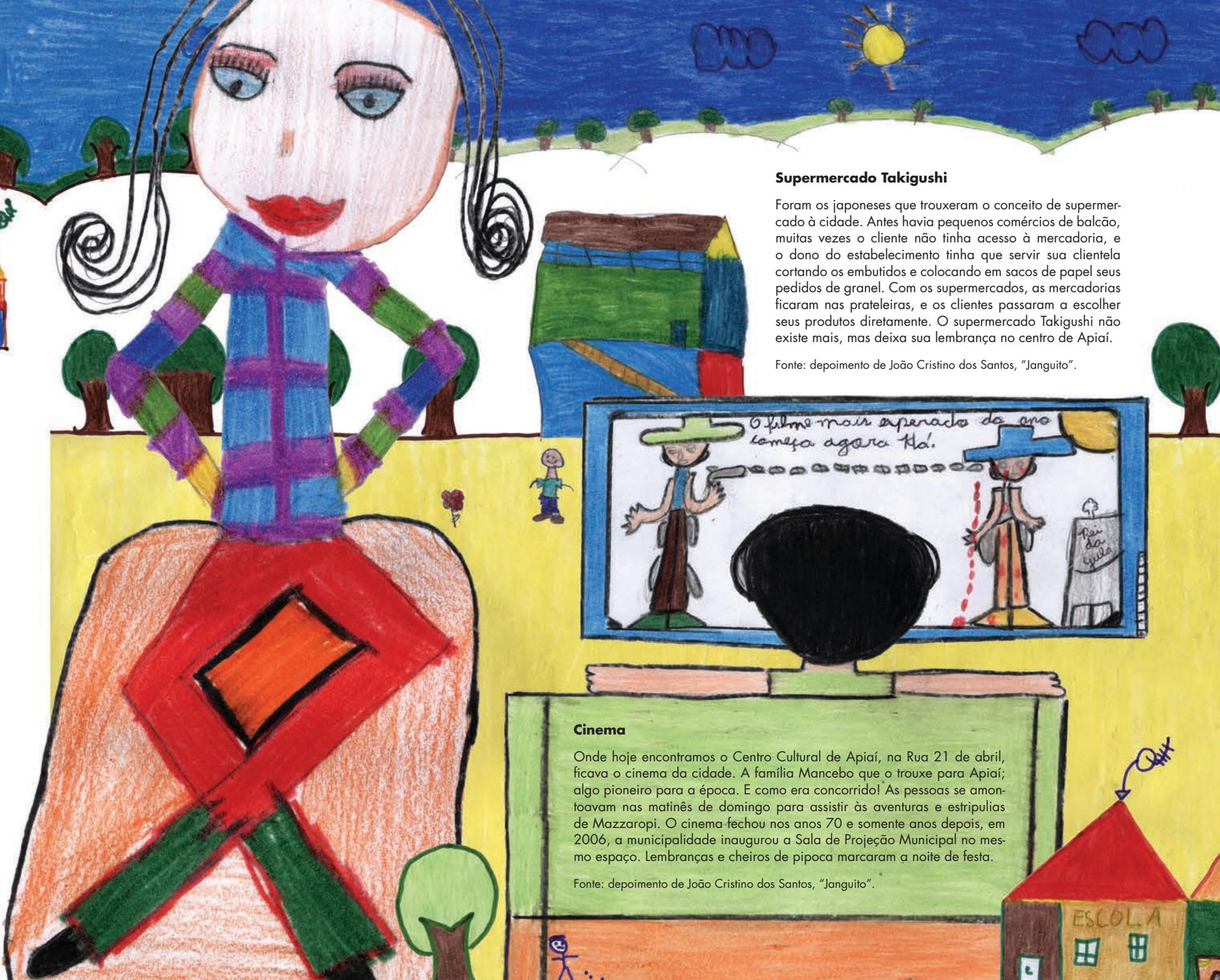
Um dia aconteceu uma coisa triste. Seu irmão foi morto em um acidente de carro.

Apesar das dificuldades enfrentadas, Rose é uma pessoa corajosa e trabalhadeira.

Seu casamento não deu certo, e Rose cria sozinha seu filho.

Seu filho é seu maior tesouro.

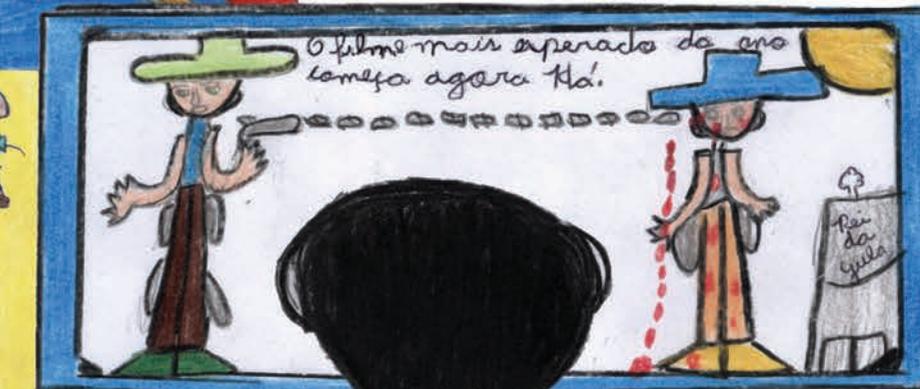
Nas horas vagas, ela trabalha de entregadora de pizza. Ela entrega pizza em sua moto.



## Supermercado Takigushi

Foram os japoneses que trouxeram o conceito de supermercado à cidade. Antes havia pequenos comércios de balcão, muitas vezes o cliente não tinha acesso à mercadoria, e o dono do estabelecimento tinha que servir sua clientela cortando os embutidos e colocando em sacos de papel seus pedidos de granel. Com os supermercados, as mercadorias ficaram nas prateleiras, e os clientes passaram a escolher seus produtos diretamente. O supermercado Takigushi não existe mais, mas deixa sua lembrança no centro de Apiaí.

Fonte: depoimento de João Cristino dos Santos, "Janguito".



## Cinema

Onde hoje encontramos o Centro Cultural de Apiaí, na Rua 21 de abril, ficava o cinema da cidade. A família Mancebo que o trouxe para Apiaí; algo pioneiro para a época. E como era concorrido! As pessoas se amontoavam nas matinês de domingo para assistir às aventuras e estripulias de Mazzaropi. O cinema fechou nos anos 70 e somente anos depois, em 2006, a municipalidade inaugurou a Sala de Projeção Municipal no mesmo espaço. Lembranças e cheiros de pipoca marcaram a noite de festa.

Fonte: depoimento de João Cristino dos Santos, "Janguito".



No bairro Alto da Tenda,  
tem som e gosto de

# FESTA

 (e de memória)

O que é o bairro Alto da Tenda para você? Para uns, é a história da infância e de brincadeiras na rua. Você sabia que antigamente, quando o bairro não tinha praça, a meninada se reunia para brincar na linha do trem? Para outros, a memória do bairro é a visão das antigas casas de madeira entre a neblina, ou então, é o lugar de trabalho, pois ali é o bairro da Camargo Corrêa. Havia mesmo uma tenda no alto do morro antes da construção dessa fábrica? Para uns é verdade, para outros é lenda. E persiste a dúvida quanto ao nome. Alto da Tenda. Tenda no alto? O nome é, quem sabe, o que menos importa. O bairro é tudo aquilo que vivemos nele, tudo aquilo que vemos e ouvimos. Quem passa perto da Escola Honorina pode seguir seu caminho ao som do Roberto Carlos. Isso só pode ser obra de um morador bem-humorado. Seu Paka. E esse nome? De onde vem? Quem anda mais um pouco pode parar para uma pipoca ou um lanche. Bem ali, na barraca do Seu Samuel. E então, o bairro pode se transformar em aroma, em gosto, no paladar.

## Material escolar no saco de arroz

Quando **Maria Madalena dos Santos Conceição** era pequena, levava o material escolar em um saco de arroz. Do mesmo jeito que o Seu Jair, quando ia para a escola. Seria esse um hábito do bairro Alto da Tenda? Ou será que, em toda a Apiaí, as crianças saíam à mesma hora levando seus materiais em saquinhos de arroz? Para saber, basta perguntar aos mais velhos.

### Grupo Camargo Corrêa

O Grupo Camargo Corrêa é um dos maiores grupos empresariais do Brasil. Fundado como construtora por Sebastião Camargo (1909-1994), a empresa expandiu e diversificou sua atuação. Hoje, além da construção civil, opera com relevância em diversos setores da economia. O Grupo iniciou suas atividades no município com a instalação da fábrica de cimento Portland Eldorado em 1967. E a história de Apiaí pode ser contada considerando o antes e o depois de sua construção. A vinda da empresa trouxe toda a infraestrutura necessária para a região: energia elétrica por meio da Cesp (Companhia Energética de São Paulo), saneamento básico com a Sanevale, ramal ferroviário, estradas, além de empregos e muita gente. Atualmente, sobretudo por meio do Instituto Camargo Corrêa, o Grupo apoia diversas ações da sociedade civil apiaiense para a melhoria da cidade.

Fonte: [www.camargocorrea.com.br](http://www.camargocorrea.com.br) e [www.intercement.com/institucional](http://www.intercement.com/institucional).  
Acesso: outubro de 2011.

**M**aria Madalena dos Santos Conceição recebeu esse nome em homenagem à sua avó materna. Hoje é conhecida como Dona Neguinha – recebeu esse apelido de seu avô quando pequena, pois era muito miudinha.

Sua família era muito humilde. Morava com seus pais e irmãos e entre eles havia muito carinho. Em sua casa, não tinha água encanada e eles tinham de buscar água no poço. Aos domingos, Dona Neguinha ia à Igreja Matriz de Santo Antônio com seu avô; a missa começava às sete horas da manhã e, por isso, precisava acordar muito cedo.

Gostava muito de brincar com suas amigas. Os brinquedos eram feitos por elas: bonecas de palha, casinhas de madeira, fogãozinho e comidinha de verdade; brincavam de balanço no cipó das árvores, amarelinha, corda, brincadeiras de roda e bola.

A escola era longe de sua casa; seu material era levado em um saquinho de arroz. Uma professora que marcou sua vida foi Dona Neuza Neri, pois era muito carinhosa e deu aula durante três anos para ela. Para fazer a merenda, a professora pedia aos alunos que levassem verduras e legumes, assim a sopa ficaria mais gostosa. Sua mãe não tinha condições de comprar o material escolar. Ela fazia parte de um projeto da Caixa e ganhava os cadernos e lápis.

Certo dia, depois do recreio, ela recebeu uma

notícia muito triste: o seu pai havia falecido. Sua vida ficou muito difícil; ela sentia muita falta dele e precisou ajudar sua mãe a plantar milho e feijão. Sua mãe não tinha condições de comprar roupas e sapatos. Eles sempre ganhavam de outras pessoas, mas o amor de sua mãe não faltava.

Na sua juventude, gostava muito de passear. Ia ao centrinho do bairro, onde jogava pingue-pongue, ouvia músicas e participava de bailinhos. Quando morria um velhinho que morava no asilo, ela e suas amigas não faltavam, pois lá ajudavam nos preparativos do velório, faziam fogueiras, contavam piadas e ficavam até tarde conversando. Naquela época, só tinha uma capela na comunidade e, quando foi construída a Igreja São Vicente de Paulo, Dona Neguinha ajudou.

No bairro Alto da Tenda, naquela época, não tinha praça, e os amigos se reuniam na linha do trem, pois era tudo aberto e se divertiam muito. Algumas pessoas falavam que o bairro era dividido em duas partes: a de cima era dos ricos e a de baixo dos pobres, mas isso era só uma brincadeira, conta Dona Neguinha. Também não havia muitas casas. Quando geava, ela e seus irmãos gostavam de pisar descalços no gelo, só para sentir as dores do frio.

Quando se casou, tinha apenas 16 anos. A cerimônia foi na mesma igreja que ela ajudou a construir. Teve um casal de filhos e agora também tem uma neta, que são a alegria de sua vida.



# PACA

## Música, maestro!

Será que você já ouviu falar numa expressão popular que, para denotar algo muito legal, muito bacana ou muito bom, utiliza a palavra “paca”? Legal paca. Bonito paca. Engraçado paca, não é? Bem, talvez você não tenha ouvido falar, se ainda é criança. Essa foi uma gíria muito usada nos anos 60. E quem gostava paca de falar assim era um sujeito chamado **Sebastião Sales Bueno**. Gostava tanto que Paca até virou seu apelido. Gostava paca, então. E hoje esse virou o nome de Seu Sebastião.

### Casas de madeira com raízes fortes

Imagine um mar de morros, grandes, verdes, com muitos pinheiros. Conseguiu? Esta era a cara de Apiaí. No passado, havia muitos pinheiros em sua volta, e com isso muitas serrarias que os cortavam para venda em outros grandes centros. Inclusive, havia uma serraria no centro da cidade, você sabia? As construções de madeira eram comuns, além de baratas, muito pela própria abundância do material. Mesmo para os que tinham mais posses, normalmente a frente era de alvenaria e dentro da casa também era tudo de madeira. Casas de madeira, mas com raízes fortes. Apiaí começou com um punhado de gente, hoje já passa dos 25 mil habitantes!

Seu Sebastião, conhecido como Senhor Paca, morador da cidade de Apiaí, bairro Alto da Tenda, tem 62 anos.

O seu apelido é Paca, porque, nos anos 60, ele chamava tudo de “Pacas”, que era uma gíria daquela época. Quando seus amigos o ouviram falando “Pacas”, começaram a chamá-lo por esse apelido.

Na infância, Seu Paca gostava de brincar de carrinho, subir em árvore e adorava fazer bola de pano para jogar futebol com seus irmãos.

Quando ele era criança, seus pais eram muito amigos e legais com ele.

Na sua escola, a sua professora era brava. Quando eles bagunçavam, ela deixava os alunos de castigo ajoelhados no milho e dava reguadas na mão deles.

Onde ele estudava não tinha material escolar nem lanche.

A infância do Seu Paca era dura, porque chegava da escola e ia direto para a roça trabalhar com seus pais.

Seu Paca é um homem que gosta muito de música; ele tem um espírito jovem. Por gostar muito de música, ele tem uma caixa de som bem grande em sua varanda que dá para sua rua inteira ouvir.

Na juventude, a música que marcou sua vida foi a de Roberto Carlos. Quando ouve a música desse cantor, ele lembra tempos felizes e momentos legais.

Ele gosta de todo tipo de música, mas a sua preferida é a sertaneja.

Um belo dia, Seu Paca encontrou seu amor, Pedrina, e decidiu casar-se com ela. Pedrina ficou grávida, e os dois tiveram ao todo quatro filhos: três meninos e uma menina.

A profissão do Seu Paca é mecânico industrial, e ele presta serviços na Camargo Corrêa.

O Senhor Paca gosta de todos os times, mas o preferido é o Corinthians, que mora em seu coração. Como gosta muito desse time, ele tem uma bandeira em sua varanda. E quando o seu time ganha, ele sai para passear pela rua escutando música em seu carro.



## Pipoca e lanche na barraca

Você conhece a barraca do Seu Samuca, lá no bairro Alto da Tenda? Tem lanches e pipoca. Foi por lá que Seu **Samuel Camargo** começou a sua vida de vendedor. Depois, inovou os seus negócios. Se você ainda não provou a comida de sua barraca, basta ir a uma grande festa. Seu Samuca certamente estará por lá. Dirigindo o carrinho de pipoca e de churros, fazendo a alegria da criançada. Mais uma vez e tantas outras – pra isso, basta ter festa.



Há 73 anos, nasceu num sítio da nossa região o pequeno Samuel; filho de Dona Leopoldina e Seu Florentino. Ele e seus irmãos gostavam de andar a cavalo, subir em árvores e brincar de pião. Foram educados de maneira rígida e bastava um olhar dos pais para saber se iam apanhar ou não. Apesar de serem pobres, todos frequentaram a escola e eram felizes.

Os pais de Samuel sempre foram muito bravos. Ele e seus irmãos apanhavam muito, principalmente com um rabo de tatu; entravam e já sentiam as pernas arderem. Doía muito, mas os pais naquela época não conversavam com os filhos. Qualquer coisa, apanhavam e não podiam reclamar.

Samuel passou a maior parte de sua infância no sítio. Ele e seus irmãos brincavam bastante. Ajudavam os pais na roça e nos outros serviços e só depois que acabavam tudo é que podiam brincar.

Samuel, apesar de ajudar os pais na roça, sempre achava um tempo para brincar. Na escola, além de gostar da hora do recreio para brincar, ele também gostava dos amigos e de estudar. Sua matéria preferida era Matemática.

As professoras eram muito bravas, principalmente a sua, e castigavam muito seus alunos. Às vezes, até ficando ajoelhados no milho. Um dia, Seu Samuel e seu amigo resolveram matar aula, e de repente, quando eles estavam pulando o muro da escola, deram de cara com a diretora. Ela os

levou para a diretoria e deu muitas e muitas reguadas na mão deles. A régua era comprida, grossa e de madeira.

Com o passar do tempo, Samuel ganhou o apelido de Samuca e começou a ser chamado por todos assim, principalmente por seus amigos e clientes.

Samuca gostou tanto desse apelido, que colocou esse nome em sua barraca, que fica no bairro Alto da Tenda, de Samuca Lanches.

Um dia, ele foi para uma festa em Araçáiba para reforçar sua renda. Lá ele adorou essa profissão e quis segui-la. Depois disso, nunca mais largou essa profissão e se tornou popular.

Seu Samuel começou seus negócios vendendo apenas pipocas. Com o tempo, ele foi tendo mais clientes, porque sempre tratou todos com muito respeito e sempre conversou com todos. Hoje, por causa do sucesso, vende churros também e tem um ajudante nas festas mais movimentadas.

Samuel trabalha hoje em festas de aniversário ou de escolas. Sempre que tem uma festa, ele é convidado e vai com muita alegria e satisfação. Gosta muito das festas para ver o movimento das pessoas e conversar principalmente com as crianças.

Sonha um dia poder comprar um sítio para ir passear e lembrar-se da época em que era criança e brincava muito com seus irmãos. Subiam em árvores, andavam a cavalo e eram felizes.



O trabalho nas

MÃOS

Há muitos trabalhos que dependem da destreza das mãos para serem feitos. Assim é o trabalho das ceramistas, pelo qual Apiaí é bem conhecida. Não é cena rara ter gente de fora visitando a cidade para conhecer o trabalho das artesãs. Vasos,oringas, bonecas, pratos, louças de barro. Para os visitantes, esta é a memória de Apiaí. Para as artesãs é trabalho e ganha-pão. E quando as mãos servem a outros propósitos? A mão da enfermeira que aplica injeções, que faz curativo, que pega recém-nascido. Diferentes serventias. Numa delas, a vida é criada a partir do barro; na outra, a vida é restabelecida.



## As talentosas mãos de Úrsula

Quando menina, **Úrsula Adair Depetris** já gostava de bordar enquanto esperava a roupa quarar na beira do rio. Depois de grande, virou artesã. E, do bordado, ela passou a dar forma ao barro. Hoje é conhecida e reconhecida pelo seu trabalho.



*Úrsula Adair Depetris, nascida no dia 17 de dezembro de 1943, é filha de uma família humilde e trabalhadora, de origem italiana. Seu nome foi escolhido para homenagear sua avó, que também se chamava Úrsula.*

*Dona Úrsula, quando pequena, tinha o apelido de “negra”, um jeito carinhoso que seu pai a chamava para ir à escola. Seus pais eram carinhosos e nunca precisavam aumentar o tom de voz ou bater nela, porque era bastante obediente.*

*Ela gostava muito de seus avós e adorava comer a polenta frita que sua avó fazia.*

*Também ajudava sua mãe nos afazeres de casa, observava-a costurar e depois costurava escondido dela. Aprendeu com a sua tia a bordar e, quando ia lavar a roupa no rio, enquanto esperava quarar as roupas, bordava seus panos – que guarda até hoje.*

Quando era criança, adorava brincar e fazer travessuras... Brincava com seu irmão de açougue; ele era o dono e ela era a freguesa; brincavam de carrinho, adorava também andar de bicicleta nas descidas. Naquela época, faziam seus próprios brinquedos ou inventavam suas brincadeiras.

Dona Úrsula fez uma boneca que guarda com muito carinho e que foi um dos melhores artefatos que tem de sua infância, mesmo sem saber que no futuro ela seria uma artesã muito querida e famosa.

Ela nos contou que gostava de pular da ponte do rio Ribeira e atravessá-lo nadando; também gostava de subir em árvores.

Na escola, ela tinha um grupo de "amigas" em que ninguém podia chorar, senão saíria do grupo. Lembra também que os meninos caçavam dela, porque ela falava cantando e a chamavam de "ursa", mulher do "urso", e isso a deixava muito magoada. Durante o recreio, tinha colegas ricos e pobres, e eles trocavam seus lanches só para os "ricos" experimentarem o que elas traziam para comer.

Na sua juventude ajudava seu pai no armazém e sua mãe a cuidar dos serviços de casa. Gostava de observar sua tia fazer deliciosos quitutes e doces.

Dona Úrsula trabalhava muito e, nos fins de semana, ia às festas e bailes, passeava com as

amigas na Praça de Ribeira. Lá, os moços sentavam de um lado e as moças do outro; como a luz era fraca, os moços andavam com uma lanterna para iluminar o caminho. Num determinado dia, um deles apontou a lanterna para Dona Úrsula e lhe disse: "Linda!"

Nesse momento, ficou muito envergonhada com a cena, mas mesmo assim se apaixonaram, namoraram e, quando completou 16 anos, casaram-se. Hoje mora em Apiaí. Desse casamento, surgiram seis filhos lindos, 16 netos e dois bisnetos.

Com muito orgulho, ela nos conta sobre seu trabalho e lembra que tinha um bar chamado Estrela, famoso na cidade de Apiaí por ter deliciosos salgadinhos e ser um ponto de ônibus; trabalhou no Hotel Apiaí, na prefeitura e na Casa do Artesão.

Dona Úrsula gosta de fazer arte, bordar, pintar, cozinhar. Ela deu aulas de artesanato na região e também aprendeu muito com seus alunos, principalmente trabalhar com o barro. Sua melhor arte foi a "Moringa Tripé". Ela guarda várias peças que foram exportadas e apreciadas pelos visitantes; hoje tem um "museu de acervos".

Ela foi homenageada pelo saudoso governador Mário Covas no Dia Internacional da Mulher, pelo seu trabalho de artesã. Hoje, Dona Úrsula é presidente dos artesãos do Alto Vale do Ribeira, "Casa dos Artesãos". No quintal de sua casa, construiu uma casinha de barro batido para seus netos brincarem.



### Manufaturas

Era comum em Apiaí encontrarmos nas ruas doceiros com seus enormes tachos de cobre fazendo doce de laranja e a alegria das pessoas. O perfume inundava as ruas e a fome logo batia. A cidade, no passado, teve muitas indústrias que hoje já não existem, empreendimentos rústicos e de outra época, como, por exemplo, a indústria de rapadura e palmito. Sem falar dos coureiros responsáveis pelas selarias. Há muito tempo...

### A arte do barro

Apiaí tem algo muito especial, que poucos conhecem: a dádiva de dar vida ao barro. A produção de cerâmica na região remonta a séculos atrás e tem sua origem nas etnias indígena e africana. Uma tradição oral e, literalmente, da "mão na massa", que é passada de geração em geração, sobretudo entre as mulheres, trabalhadoras agrícolas e agropecuárias, que faziam seu artesanato visando ao complemento de sua renda familiar. As técnicas de confecção são múltiplas. Por exemplo, a partir de rolinhos superpostos, alisados com sabugo de milho, ou casca de cuité, polida depois de seca, seguida da pintura com taguá. Contudo, segundo os artesãos, o barro deve ser retirado somente na lua minguante.

A cerâmica de Apiaí, com sua beleza, antropomorfia e zoomorfia, chamou a atenção de pesquisadores e artistas, dando visibilidade a um trabalho importante e secular da região. Hoje ela é um atrativo turístico da cidade e ajuda muitas famílias em seu sustento.

Fonte: documentário *Mãos que fazem arte*, do projeto "De barro e trança". Apiaí, São Paulo, 2008. Casa do Artesão de Apiaí (SP) – [www.apiai.sp.gov.br/casadoartesaos](http://www.apiai.sp.gov.br/casadoartesaos). Acesso: outubro de 2011.

## Sonho de professora, destino de enfermeira

**Maria Teresa Ribas** nem imaginava ser enfermeira. Achava mesmo que seria professora. Mas foi por acaso que esse outro ofício entrou em sua vida. E veio para ficar, depois que Terezinha aprendeu o trabalho por meio da observação e do convívio com as colegas do hospital.



**D**ona Terezinha nasceu em Apiaí no dia 25 de julho de 1946 e recebeu o nome de Maria Teresa Ribas, porque a avó tinha esse nome. Seus pais se chamavam José Dias Marinho e Maria Cândida Crippa; sua avó do lado do pai se chamava Maria Dias Marinho e, do lado da mãe, se chamavam Inocência Crippa e Teresa Cândida Schirleide Crippa, mas eles faleceram quando ela era muito pequena, por isso não conviveu com eles.

Ela só teve uma irmã, que se chamava Maria Benedita Lepisnki e sempre se deram bem; quando criança, elas brincavam muito e ajudavam a mãe, que lavava roupas para fora. Elas iam nas casas das pessoas para buscar as roupas sujas e depois iam entregar quando já estavam limpas. Quando não estavam fazendo isso, iam para o mato buscar lenha para a mãe poder cozinhar.

Seus pais eram separados, mas quando ela pedia alguma coisa, sempre que podiam, compravam. Eles eram amorosos e, ao mesmo tempo, rígidos. Bastava um olhar que ela já entendia o que eles queriam dizer e obedecia, por isso não apanhava.



Sempre teve muitos amigos para brincar, e sua brincadeira preferida era de roda; da que não gostava era de correr, porque onde brincava tinha muitas pedras e ela podia cair e se machucar.

Gostava também de subir em árvores até que um dia ela foi pegar uma fruta, escorregou e caiu de costas em um pau com pontas e machucou as costas.

Aos sete anos, entrou na antiga Escola Gonçalves Dias, que hoje é a Diretoria de Ensino de Apiaí. Ia a pé, porque não existia transporte escolar, e levava o seu material na mão ou em uma sacolinha de plástico.

Ela gostou de estudar na 2ª série e sua matéria preferida era Matemática, mas certa vez repetiu a 3ª série porque tinha medo da professora, que batia quando Terezinha não conseguia ler algum texto.

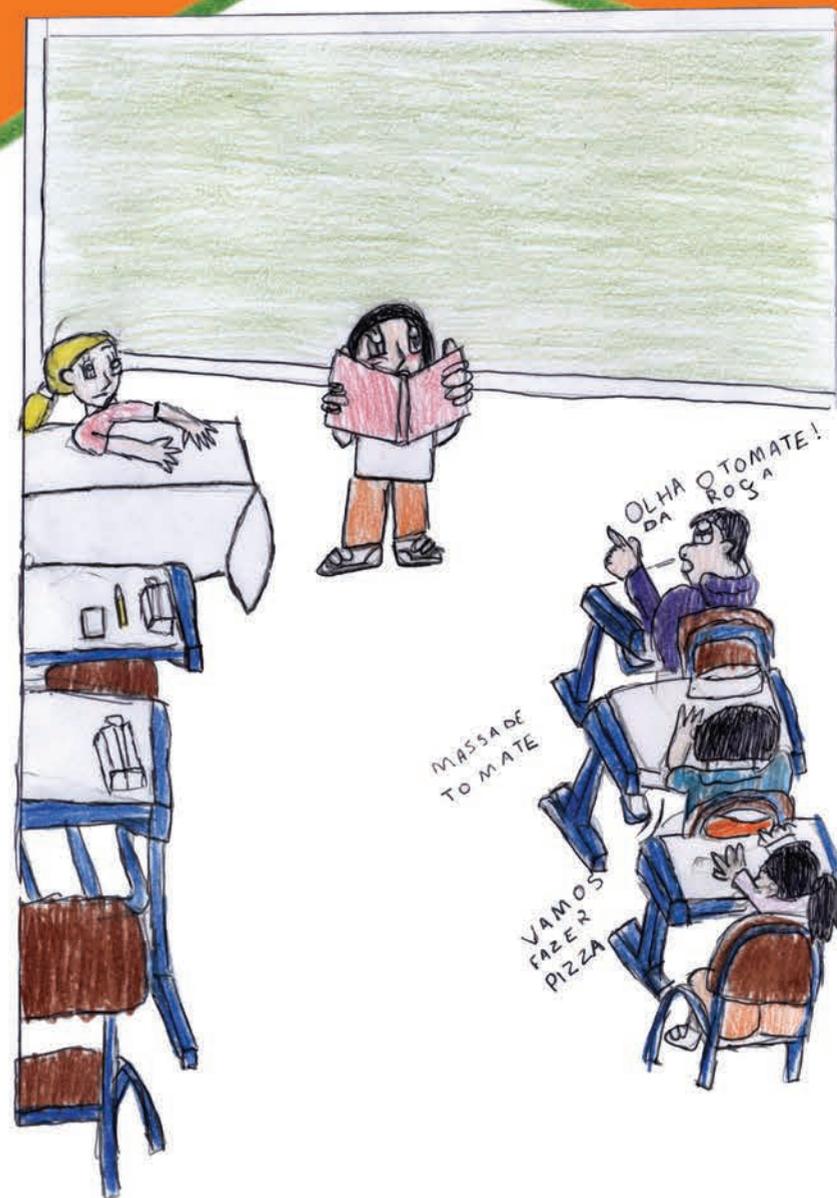
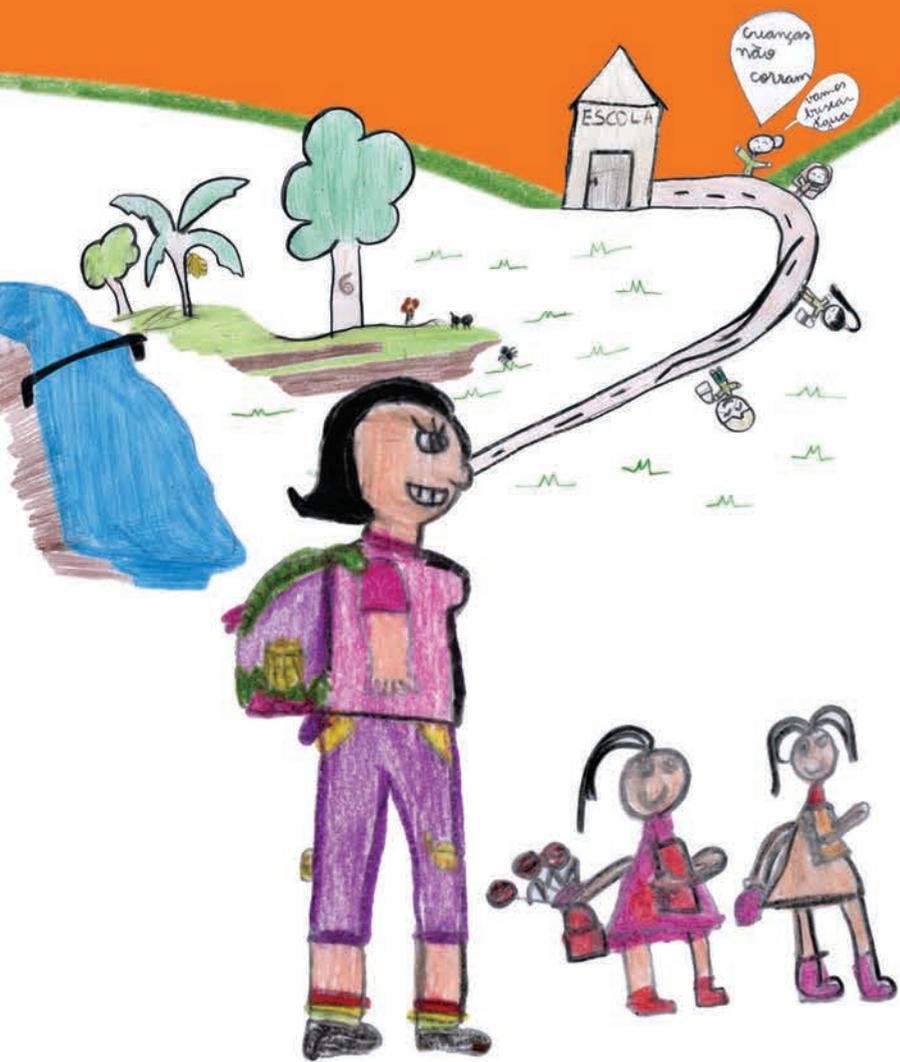
Na escola, Dona Terezinha tinha duas melhores amigas, que esperavam sempre uma a outra, no portão da escola, para irem embora juntas.

Certo dia, sua mãe lavou seu uniforme e, até ele secar, ela precisou faltar dois dias na escola, porque não aceitavam que se entrasse na escola sem uniforme.

Quando ela foi para a escola, seu uniforme estava desbotado, o diretor viu e levou-a para a diretoria, seu pai ficou preocupado, porque ela estava demorando muito para chegar em casa, por isso ele foi buscá-la na escola e conversou com o diretor, que a liberou para ir embora.

Ela estudou até a 4ª série, porque foi trabalhar em casa de família para cuidar de crianças e então ajudar a mãe nas despesas da casa.





## Nos bancos da ESCOLA

A escola é memória corrente de quase todos nós. É comum ouvirmos histórias de professoras severas, dos castigos de milho e palmatória. De professoras marcantes, das artes prontadas para “matar uma aula”. Será que todos que entrevistamos poderiam estar neste capítulo? Talvez. Mas são tantos os assuntos! Queríamos diversificar, levar o leitor a olhar outros temas. Mas não tem jeito de fugir da escola. Memória vai, memória vem, e aqui estamos nós. De volta aos bancos da escola.

## Gonçalves Dias é escola e poesia

Será que você já ouviu falar que em nossa terra tem palmeiras onde canta o sabiá? Certamente sim. Essa foi uma das poesias mais famosas de Gonçalves Dias, poeta brasileiro muito apreciado por **João Prestes**. E olha só a coincidência: não é que esse menino foi estudar justamente na escola que levava o nome do poeta? Será que ele tem saudade dessa época como Gonçalves Dias tinha saudade de sua terra?

*N*uma linda e ampla casa de madeira, com portas e janelas grandes (modelo daquela época), localizada à Rua Padre Celso, nasceu o Senhor João Prestes, para alegria da família, no dia 26 de dezembro de 1933. Naquela casa, vivia uma família unida e muito feliz.

*Quando o Sr. João completou 4 anos de idade, sua mãe ficou muito doente e faleceu. Sua família ficou muito triste com a falta da mãe, que cuidava dos filhos, enquanto o pai trabalhava o dia todo na oficina de ferreiro. Agora, além de trabalhar na oficina, seria o responsável por criar e educar os sete filhos.*

*Os avós paternos do Senhor João moravam num sítio, eram agricultores, e não mediam esforços para ajudá-los, dando-lhes muito amor e carinho.*

*A rua onde moravam era muito tranquila. Senhor João podia brincar com seus irmãos e colegas da vizinhança. Não tinha brinquedos. Ele e seus irmãos criavam carrinhos de carretel de linha, estilingue, pipas, cavalinho de pau; brincavam de esconde-es-*

*conde e subiam nas árvores. Sua infância era muito divertida.*

*Sr. João estudou no Grupo Escolar Gonçalves Dias, atualmente Diretoria de Ensino de Apiaí, concluindo a 4ª série aos 14 anos de idade. Depois de adulto, teve oportunidade de estudar novamente, terminando o segundo grau completo.*

*Recorda com saudades de algumas poesias daquele tempo, como: "Meus Oito Anos" e "Canção do Exílio", recitadas pelas crianças em datas comemorativas.*

*Naquela época, conta o Senhor João, não havia lanche nem refeições, como existe hoje nas escolas. Cada criança levava o seu próprio lanche como podia: os que podiam mais, levavam pão com manteiga, e os que não podiam, levavam viradinho de feijão ou ovo e uma garrafinha de vidro de café (naquela época não existia garrafa de plástico) e compartilhavam com os que não levavam lanche. O Senhor João se lembra da sua primeira professora, Dona Sílvia Moraes, que ainda reside na mesma cidade e guarda com carinho o seu primeiro livro e um caderno de Geografia daquela época.*

*Na adolescência, os divertimentos de que mais gostava eram: a corrida de cavalos, nadar nos rios, jogar malhas, brincar com bodoque (atirar pelotes) e jogar palitos. Naquela*

*época, os adolescentes não podiam ficar até tarde na rua, tinham horário marcado para retornar para casa – até as 10 horas. Nas noites, as famílias costumavam se reunir em volta de uma fogueira para cantar, contar histórias, fazer orações, comer pinhão e milho assado, canjica e tomar café adoçado com rapadura.*

*O primeiro emprego do Senhor João foi como ajudante de pedreiro na firma Manuel Augusto, em 1948, com 15 anos de idade, na construção do primeiro posto de gasolina de Apiaí, o Posto Shell, que hoje está em funcionamento, no mesmo local, com o nome Auto Posto Caverna.*

*Demitiu-se da firma e foi trabalhar com seu pai no ofício de ferreiro, onde ficou por muito tempo. Aprendeu a profissão de seu pai e se sente feliz. Em sua residência tem uma exposição de equipamentos e peças da antiga oficina, da qual cuida com muito carinho. Mais tarde, ingressou no quadro de funcionários da Prefeitura de Apiaí, como Fiscal de Obras.*

*Casou-se com Dona Geni Corrêa Prestes no cartório civil e na Igreja Presbiteriana de Apiaí. Para maior felicidade do casal, nasceram dois filhos: Joani e Janice. A festa de casamento foi muito animada, com a presença de todos os amigos e familiares. No mês de maio de 2010, completaram 50 anos de casamento, ou seja, bodas de ouro.*





## A cavalo, a caminho da escola

Alguns levavam material escolar em saquinho de arroz, como Dona Neguinha e Seu Jair, outros levavam o lanche em potinho de margarina. A maioria ia à escola a pé, andando até um bocado, até poder se sentar em seus bancos. A menina **Maria Inês Martins dos Santos** às vezes inovava e ia à escola a cavalo. Já pensou que delícia? Depois de adulta, Maria Inês passou para o outro lado da sala de aula. Virou professora e outras aventuras vieram.

**M**aria Inês morava no município de Ribeira, em um bairro gostoso chamado Caviúnas. Era uma menininha muito boazinha, inteligente. Gostava de brincar de boneca de sabugo, carrinho de carretel e cantar com seus colegas.

Sua casa era longe da escola, tinha que ir a pé ou a cavalo. Levava o lanche no potinho de margarina, e o lanche era muito pobre, mas mesmo assim, dividia com seus colegas.

Na época de escola de Maria Inês, as professoras eram bravas: colocavam as crianças de castigo quando aprontavam, de joelho ou pisando no milho, olhando para cima; quebravam régua e até tiravam sangue dos alunos.

Depois da escola, ela ia para a roça, trabalhar com seus pais. Maria Inês cresceu e veio com suas irmãs morar em Apiaí, com sua avó, no bairro Alto da Tenda. Trabalhou como doméstica em casa de família e na farmácia.

Foi para o convento, mas não era sua vocação, e voltou embora. Aqui terminou seus estudos e formou-se professora.

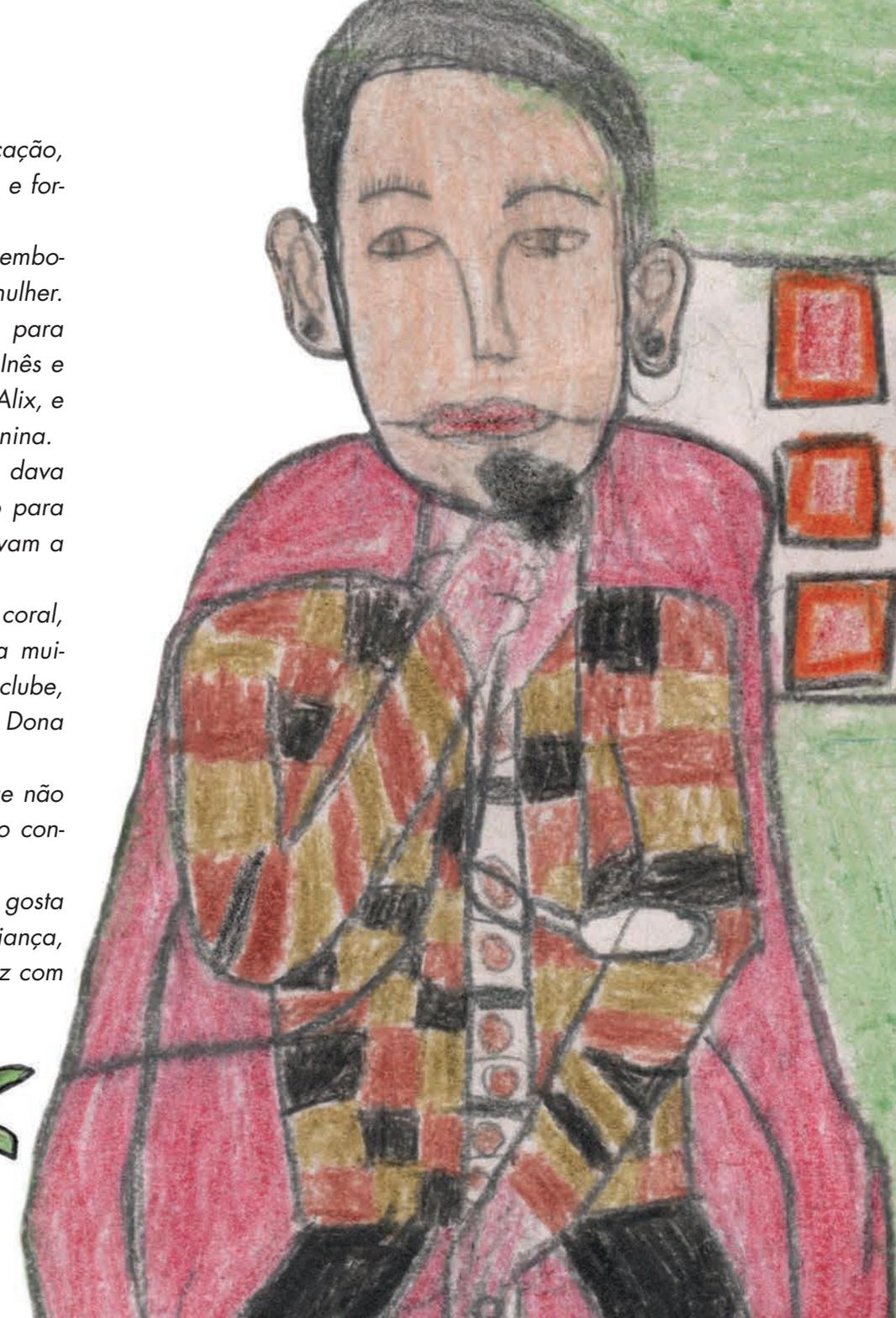
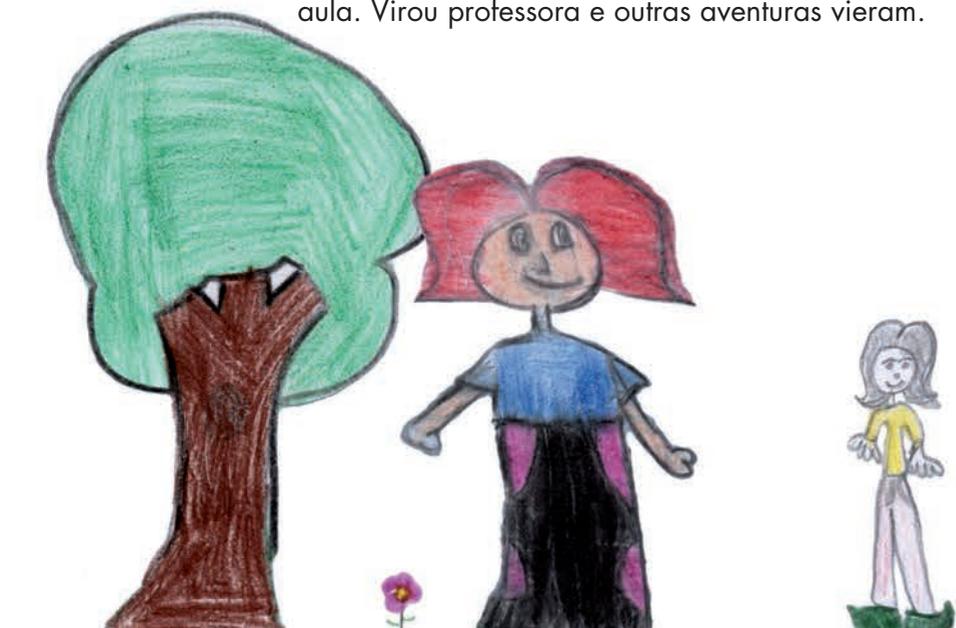
Namorou com João Martins, mas ele foi embora para Sorocaba e se casou lá com outra mulher. Ficou casado seis anos, enviuvou e voltou para Apiaí. Retomou o namoro com Dona Maria Inês e se casaram, tiveram dois filhos Jean e Jeane Alix, e agora têm três netos, dois meninos e uma menina.

Ela é professora aposentada. Quando dava aula no sítio, tinha que buscar água no rio para fazer a merenda escolar. Seus alunos ajudavam a limpar a sala e não davam trabalho.

Gosta de trabalhar na igreja, cantar no coral, cozinhar, apesar de dizer que não cozinha muito bem, viajar com o Clube da Vovó. No clube, participa com a vovó que foi sua professora, Dona Norma Calazans.

Dona Maria Inês ainda tem um sonho que não realizou: andar de bicicleta. Tentou, mas não conseguiu.

Tem uma família grande, animada, que gosta de fazer comemorações. Mas, quando era criança, não teve festa de aniversário. Hoje ela é feliz com seu marido, filhos e netos.



## No lanche: mandioca e batata-doce

Será que hoje em dia as crianças de Apiaí comeriam mandioca e batata-doce na merenda escolar? E será que levariam o material em saco de farinha? Os tempos mudaram, a escola mudou. Para conhecer o cenário das crianças no passado, só ouvindo as memórias de quem já viveu noutras épocas. O Seu **João Carlos dos Santos** lembra-se de muitas histórias de escola, até da tampinha de garrafa que substituíam o milho nos castigos.

### Castigos e premiações

Você sabia que as escolas antigamente, com base em uma pedagogia tradicional, procuravam manter a ordem e a disciplina por meio da utilização de castigos físicos? Bem como a distribuição de prêmios aos "melhores alunos"? A proposta era formar um aluno civilizado, higienizado e disciplinado. Hoje a orientação mudou. O objetivo é formar um cidadão em seu sentido amplo, mas a violência ainda ronda os muros e pátios dos colégios, atingindo alunos, professores e toda a comunidade escolar. Até *cyberbullying* é um tema sobre o qual temos que refletir! Como é na sua escola?



○ Seu João Carlos dos Santos nasceu em Guarapuava, no dia 22 de junho de 1960.

Ele nos contou que sua mãe escolheu João como seu nome porque ele nasceu no Dia de São João e, naquela época, as pessoas costumavam colocar o nome das crianças que nasciam de acordo com o nome marcado no almanaque. O Seu João casou com 19 anos com a Sirlei dos Santos. Eles têm dois filhos, Oseias e Elisângela.

Quando ele era criança, brincava com bolinha de gude, carrinho e bola. Quando sua mãe saía de casa, ele matava pombos com o estilingue.

Antes dele ir para a escola, tinha que trabalhar na roça com sua mãe. Como não tinha transporte, tinha de ir a pé para a escola. Usava saquinho de farinha para guardar o caderno que sua mãe lhe dava. Ele gostava da escola, e os alunos que bagunçavam iam de castigo, ficavam ajoelhados em sementes de milho e tampinha de garrafa.

Na escola, às vezes tinha merenda e às vezes, não. Os alunos levavam mandioca e batata-doce; os que tinham mais dinheiro, levavam pão.

Depois que João Carlos voltava da escola, ia fazer as suas tarefas e depois os deveres da casa. No tempo que sobrava, ele brincava de bola, bolinha de gude e carrinho com seus amigos.

O fato marcante de sua vida foi quando conseguiu pegar sua carteira de alistamento, porque estaria independente de seus pais.

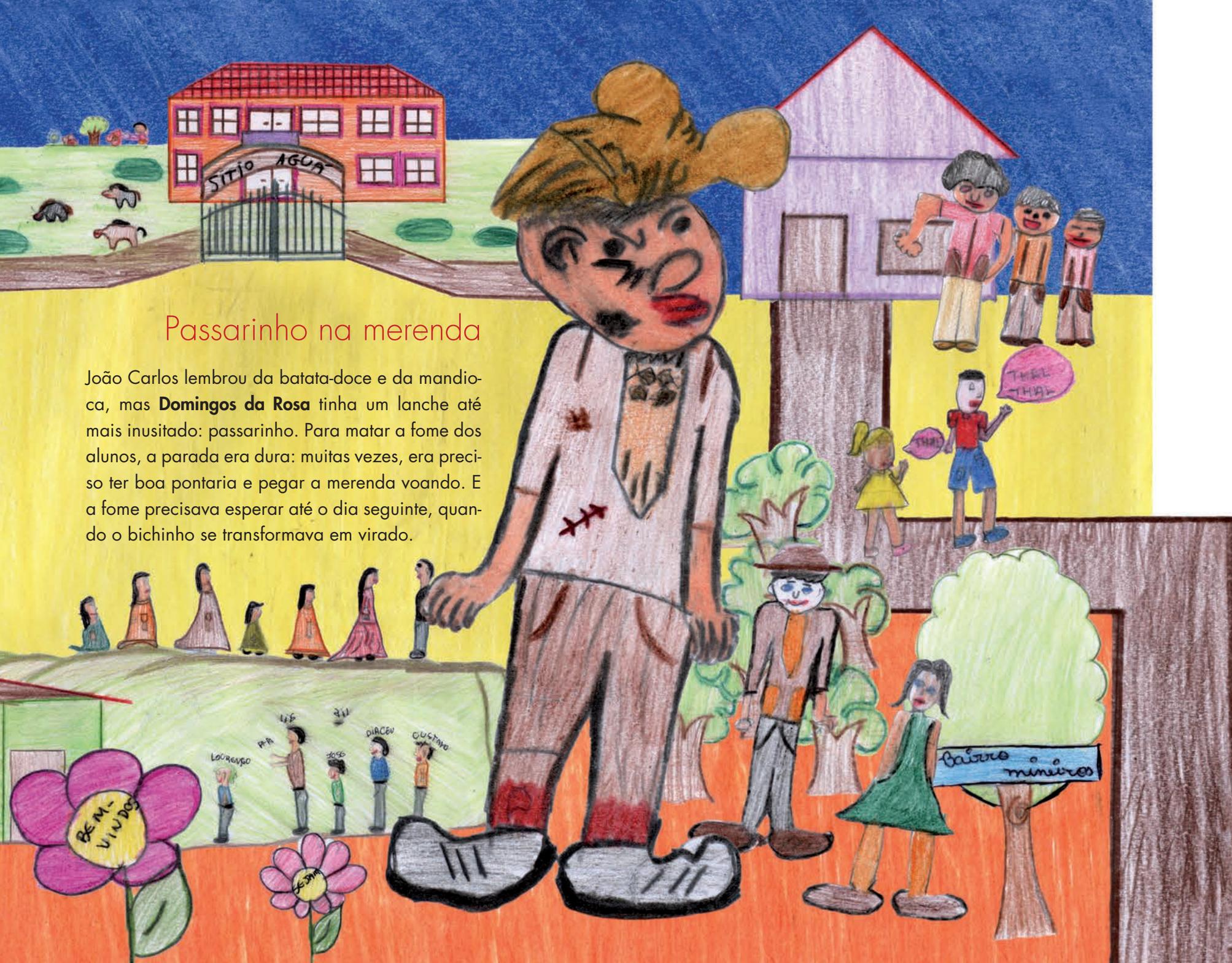
O seu primeiro trabalho foi com máquinas agrícolas, depois foi para a cidade trabalhar como pedreiro e carpinteiro. Contou-nos a história de que um dia estava arrumando uma caixa d'água, escorregou da escada, caindo com o pé em um prego, que furou seu sapato e machucou seu pé, por isso teve que ficar 15 dias sem trabalhar.

Ele tem um sonho: comprar uma chácara com uma casa e pomar para poder descansar quando estiver aposentado.



## Passarinho na merenda

João Carlos lembrou da batata-doce e da mandioca, mas **Domingos da Rosa** tinha um lanche até mais inusitado: passarinho. Para matar a fome dos alunos, a parada era dura: muitas vezes, era preciso ter boa pontaria e pegar a merenda voando. E a fome precisava esperar até o dia seguinte, quando o bichinho se transformava em virado.



Aos 28 de janeiro de 1945, nasceu o lindo bebê, filho de Dona Pedrina e Onofre, em um pequeno bairro chamado Capivara. Este foi o dia mais feliz de suas vidas. E ambos decidiram que o lindo menino se chamaria Domingos da Rosa.

Mas Domingos não era o único filho do casal. Depois dele havia mais três irmãos, todos homens, cujo nomes são: Alcino, Antonio e João.

Domingos não sabe dizer a origem de sua família e tem poucas lembranças dos seus avós maternos, que se chamavam Isabela da Rosa e Virgílio da Rosa.

Durante a semana, seus pais trabalhavam na lavoura e, nos fins de semana, assistiam à missa; isso era sagrado, os filhos acompanhavam seus pais.

Domingos morava em uma casa de madeira, cuja cobertura era feita de tabuinhas da madeira das araucárias de um pequeno bairro chamado Encapoeirado.

Nesse bairro não havia muitas diversões para as crianças, então Domingos e alguns amigos apostavam corridas com carrinhos de mão feitos de madeira e jogavam o jogo da malha.

Domingos estudou muito pouco e diz que foram tempos difíceis, porque na escola não havia merenda, então, depois que a aula terminava, ele e seus colegas iam caçar passarinhos para fazer virado para o lanche do outro dia.

A escola onde Domingos estudava era um grande barracão de madeira assoalhado, com pequenos bancos que serviam de carteiras e outros de cadeiras.

Sua professora, Dona Nair, era muito brava e, quando Domingos e seus colegas aprontavam, ficavam de castigo ajoelhados na areia bem grossa.

Quando Domingos tinha apenas 11 anos de idade, uma coisa muito triste aconteceu em sua vida: sua mãe estava grávida e, ao ter o bebê, o parto se complicou e morreram os dois.

Seu pai, desorientado, tinha que sair para trabalhar longe de pedreiro e abandonava os filhos sozinhos em casa.

Mais tarde, casa-se novamente, Domingos não se acerta com a madrasta e acaba saindo de casa aos 12 anos.

Nessas idas e vindas da vida, Domingos conhece sua esposa e logo se casa sem fazer festa. Juntos tiveram 11 filhos: Rute, Rita, Esmeralda, Maria, Zelita, Amadeu, José, Dirceu, Cristovão, Modesto, Lourenço.

Daí em diante trabalhou duro na lavoura do tomate para criar os filhos.

Atualmente, Domingos reside no bairro Mineiros com sua esposa, Davina, e é uma pessoa muito feliz. Adora ajudar seus amigos e seu lazer predileto é ir ao sítio cuidar dos animais e plantas.



## Quando a escola é trabalho

Quando prestou concurso para trabalhar no Cemae, **Gesiel Pinto dos Santos** pensou que se tratava de uma creche. E qual não foi a sua surpresa quando descobriu que, na verdade, o local era uma escola destinada a alunos especiais? Surpresa porque esse trabalho o fez lembrar de seus irmãos, de quem também ajudou a cuidar quando eram pequenos.



**Geziel Pinto dos Santos** nasceu na cidade de Almirante Tamandaré, no Paraná, no dia 25 de novembro de 1980. Morou em Almirante Tamandaré até seu pai ficar doente, com isso mudou-se para Adrianópolis, Paraná.

Até os quatro anos, brincava de carrinho com o irmão mais velho. Aos seis anos, começou a estudar. Num período ia para escola, mas em outro capinava lotes, para ajudar sua mãe nas despesas da casa.

Na sua juventude, ficava em casa para ajudar a mãe a cuidar de seus irmãos, porque seus irmãos Ronaldo e Juarez eram especiais – eles herdaram uma síndrome desconhecida, vinda da família do pai.

Um dia, uma colega do Geziel levou o jornal de Apiaí que tinha o anúncio de um concurso para trabalhar no Cemae como monitor. Fez a prova do concurso pensando que iria trabalhar numa creche.

Quando foi assumir a vaga, ele descobriu que era uma Escola de Educação Especial.

Geziel tem vários sonhos para realizar na sua vida. E o seu maior sonho é fazer faculdade de Engenharia Civil, pois gosta muito de construções.

No Cemae ele ajuda os alunos com amor, porque se lembra de seus irmãos. Geziel diz: “A família é muito importante. É tudo para mim. Só tenho minha mãe lá no Paraná. Minha esposa e minha filha moram aqui em Apiaí.”



### A primeira escola de Apiaí

Antigamente não havia escola em Apiaí, acredita? As famílias mais abastadas mandavam seus filhos para estudar fora ou contratavam um professor, mestre-tutor, para ministrar suas aulas em casa. A primeira escola pública em Apiaí foi criada em 1853, outorgada pelo Conselheiro Francisco de Carvalho Soares Brandão, então Presidente da Província de São Paulo. Foram criadas duas classes, uma para meninos e outra para meninas. Não se sabe a localização exata dessa instituição, no entanto, por volta de 1915, as chamadas Escolas Reunidas de Apiaí instalaram-se no prédio que posteriormente se tornou Câmara Municipal e, anos mais tarde, receberam o nome de Escola Estadual de Primeiro Grau Gonçalves Dias.

Fonte: LUZ, Rubens Calazans.

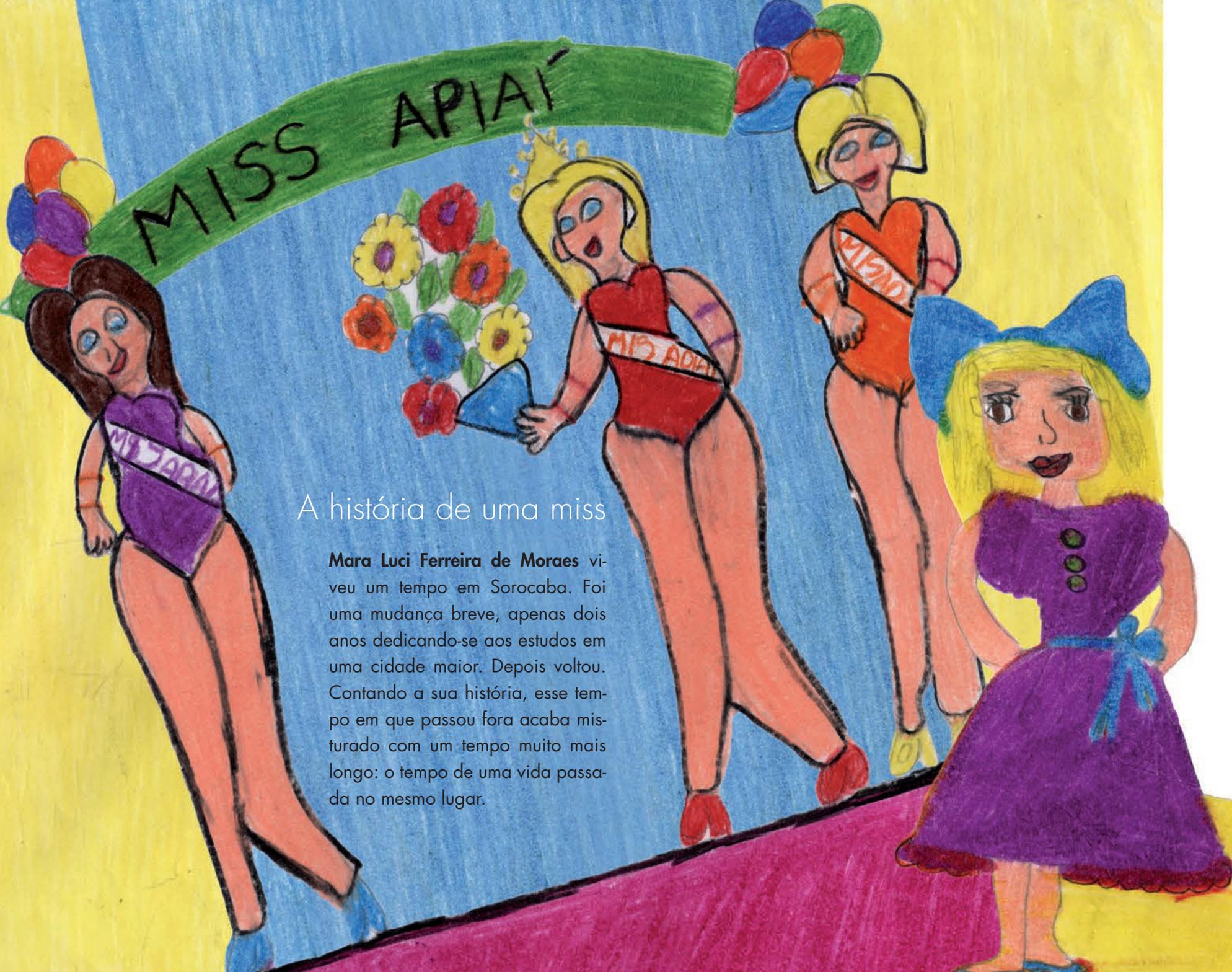
Santo Antonio das Minas de Apiahy.  
Apiaí: R.C. Luz, 1996.

A vida toda em

Apiaí



Ser a vida toda de um lugar. Sair e voltar é quase como nunca sair. Não conhecer o exílio, mas imaginar e escolher ficar. Quantos daqui nunca pensaram em sair? Quantos passaram a vida toda num só lugar, sem a curiosidade de conhecer a vida noutra freguesia? Da menina que virou até miss, da moça que ainda mora na mesma casa, agora bem no centro do que era apenas vilarejo, do menino que aprendeu a lida na roça e disso viveu toda uma vida. Uma vida toda em Apiaí.



## A história de uma miss

**Mara Luci Ferreira de Moraes** viveu um tempo em Sorocaba. Foi uma mudança breve, apenas dois anos dedicando-se aos estudos em uma cidade maior. Depois voltou. Contando a sua história, esse tempo em que passou fora acaba misturado com um tempo muito mais longo: o tempo de uma vida passada no mesmo lugar.



### Monumento à Lua

Ela nos acompanha sempre, cheia de entusiasmo, alguns dias com um sorriso maroto, às vezes sem querer muita conversa, e até mesmo quando não dá as caras. Já recebeu inúmeras poesias em sua homenagem, acompanhou juras de amor e ouviu serenatas junto aos casais. Quem? A Lua! Em julho de 1969, ela recebeu a visita do homem, um marco histórico de nossas pretensões celestes. Todos acompanharam pela TV, uns comemorando, outros assustados, uns torcendo, e outros acusando Stanley Kubrick... Aqui na Terra, aproximava-se o aniversário de Apiaí, e nada mais justo do que celebrar os dois eventos! Foi construído, então, um monumento em homenagem à chegada do homem à Lua, exaltando o encontro do eterno apaixonado com sua musa. A Nasa, reconhecendo tal ato, enviou à cidade uma carta assinada pelos quatro astronautas da expedição. A carta se perdeu, mas a Lua continua acompanhando e encantando os homens.



*Em 1950 nasce, na cidade de Apiaí, Mara Luci Ferreira de Moraes, filha de Clovis Ferreira de Moraes e Juventina da Silva Moraes. Seu nome foi escolhido pelos seus pais quando ouviam a radionovela.*

*Seus pais tiveram nove filhos, um dos quais faleceu. Seu Clóvis era um homem forte e trabalhador. Trabalhava com caminhão, padaria. Falava muito da importância do estudo para Mara e seus irmãos. Mara gostava muito de seu pai, que morreu aos 83 anos porque fumava muito. Dona Juventina tem 83 anos, é uma mulher forte e saudável, que gosta de fazer várias atividades, uma delas é viajar.*

*Na infância, Mara gostava muito de brincar de casinha, amarelinha, balanço. Sua brincadeira favorita era bola na parede. Sua infância foi muito querida. Mara lembra com carinho de uma foto que sua mãe tirou quando tinha quatro anos de idade e usava vestido e um grande laço azul na cabeça.*

*Mara foi para Sorocaba com sua mãe e seus irmãos para estudar e, depois de dois anos, voltaram para Apiaí. No primário, teve problema de saúde e*

perdeu um ano de estudo. A primeira professora de Mara foi Regina, que a ensinou a ler e a escrever. Ela gostava muito da escola, das brincadeiras e dos amigos, principalmente do lanche que sua mãe mandava – o pão com mortadela que, mesmo no horário de aula, sempre abria a mochila para dar uma cheiradinha.

Com 11 anos ganha de seu pai um presente inesquecível: um piano. Com 15, já sabia tocar e até ensinava. Mas, devido a um problema de saúde, que a deixou com dificuldades nas mãos, seu pai vendeu o piano e ela ficou muito triste. Sua mãe, vendo seu sofrimento, deu de presente um teclado.

Na adolescência, estudou na Escola Dr. Amadeu Mendes, onde participou do coral e admirava sua professora, que tocava piano e regia o orfeão. Brincava de vôlei, basquete, mas não gostava muito, porque sentia dores nas costas. O que gostava mesmo era de brincar de pingue-pongue com os amigos.

Um fato engraçado nessa época foi quando Mara e suas amigas saíram para se divertir numa festa e uma delas, não se sentindo bem, insistia em falar que estava descalça sendo que estava com uma sandália transparente.

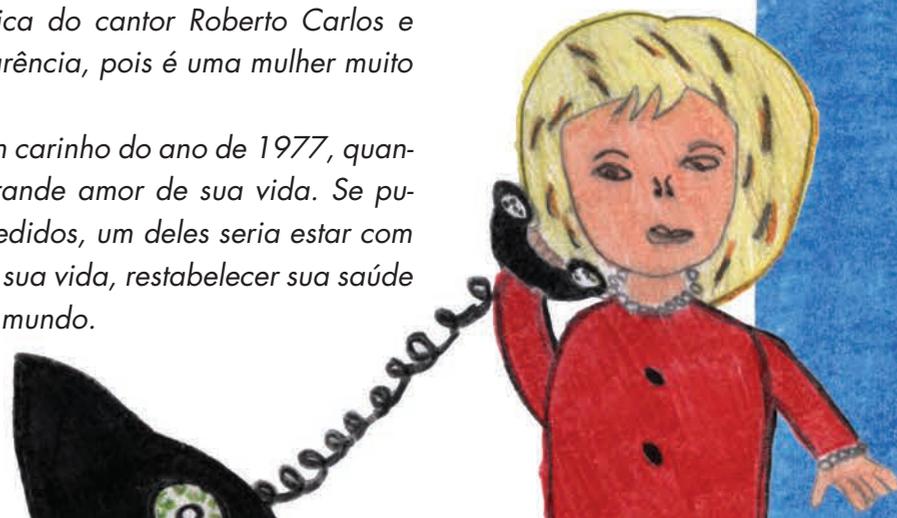
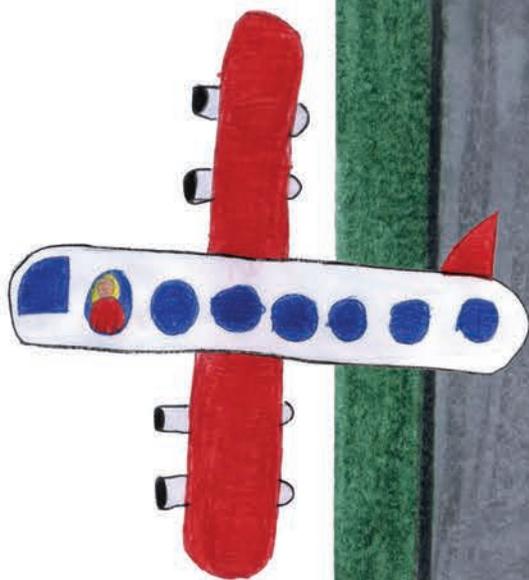
Quando jovem, Mara gostava de festa, carnaval, namorar, baile, teatro. Um papel que marcou foi quando fez Maria, mãe de Jesus. E quando participou do concurso Miss Apiaí, o qual ganhou e ficou muito feliz.

Seu primeiro emprego foi como telefonista. Como era muito estudiosa, logo recebeu um convite para trabalhar no banco HSBC. Nesse período, trabalhava em Apiaí e estudava em Itapetininga, onde fazia a faculdade de História e Geografia. Formou-se e foi dar aula.

Mara ficou doente, por isso não se casou nem teve filhos, pensou em adotar uma criança, mas para ela uma criança precisa de um pai e de uma mãe. Sua doença é lúpus eritematoso sistêmico. Os primeiros sintomas apareceram na adolescência e só quando ele tinha 20 anos é que foi descoberto. A partir daí, Mara começou seu tratamento em São Paulo, onde até hoje se trata e realiza seus exames. Devido à doença, acabou se aposentando com 38 anos.

Hoje trabalha como presidente do CMDCA (Conselho Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente) pela prefeitura de Apiaí. Seu dia a dia é corrido: além do trabalho, cuida de sua mãe e de sua tia, que tem Alzheimer, tira tempo para leitura, ouvir música do cantor Roberto Carlos e cuidar de sua aparência, pois é uma mulher muito vaidosa.

Ela lembra com carinho do ano de 1977, quando conheceu o grande amor de sua vida. Se pudesse fazer três pedidos, um deles seria estar com o grande amor de sua vida, restabelecer sua saúde e trazer a paz ao mundo.



### O circo

Quando não havia cinema, nem televisão, uma das grandes diversões da cidade, aguardada durante meses por crianças atentas em suas janelas, era o circo. Entendemos a palavra como um grupo de artistas itinerantes de diferentes especialidades, como palhaços, mágicos, contorcionistas. Em Apiaí, todos os anos eles apareciam, com suas caixas, lonas e figuras bizarras. Instalavam-se nos campos ermos onde hoje encontramos o Sigma. As pessoas faziam fila, e as crianças comemoravam a tão esperada atração. Um dia, em uma das apresentações, um audaz trapézista, com um bambu em cima de um fio, daqueles bem fininhos, sem rede de proteção, caiu de uma altura de 5 metros! E não é que o pessoal aplaudiu pensando que fazia parte do espetáculo!? Mas não se preocupe, ele escapou dessa e se apresentou em muitas outras atrações sem tanto risco!

Fonte: depoimento de João Cristino dos Santos, "Janguito".

### Personagens das ruas

Toda cidade tem seus personagens emblemáticos, daqueles que parecem ter saído de um filme ou de uma obra literária. Em Apiaí não era diferente: Procópio, Felícia Gala, Felipa, Marta, Alexandre, que recitava versos e perambulava pelas ruas... Tinha um sujeito que, diziam, virava lobisomem... Também havia o "gritador", que era escutado de longe... A maioria deles eram pessoas muito simples e viviam de favores e/ou da venda de lenha. Moradores de rua, contribuintes da diversidade dos mundos, que os munícipes souberam respeitar e trazer à comunidade com suas realidades de fantasia.

Fonte: depoimento de João Cristino dos Santos, "Janguito".



## A chuva surra a gente

Em um passeio pelo morro do Ouro, **Eni Prestes** descobriu que a natureza pode ser forte e brava. Mas, afinal de contas, o que aquela menina havia feito à chuva para apanhar tanto assim? Na verdade, foi uma surra, dessas que fazem doer as costas e deixam marcas – mas só na lembrança.



Em 8 de junho de 1950, nasceu em Apiaí a menina Eni Prestes, a caçulinha dos seus oito irmãos. Morava com seus pais: o Senhor Benedito Cesário Prestes e Dona Isaura Fonseca da Costa.

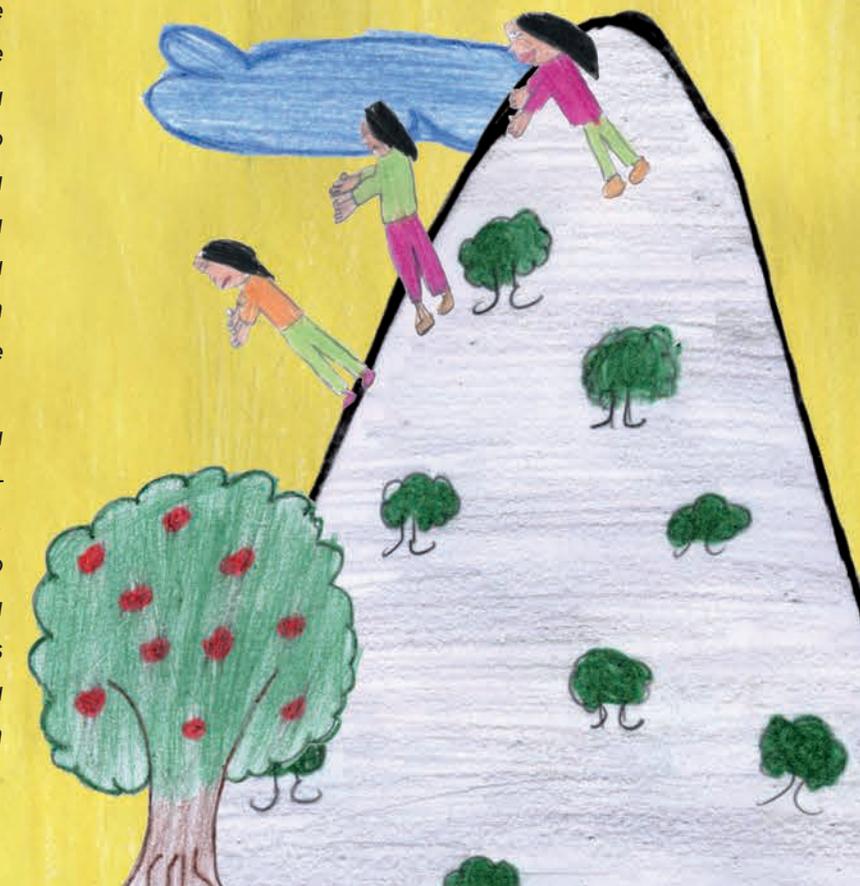
Viveu momentos emocionantes em família e teve uma infância feliz. Passeava com a família, ia para a escola e sempre estava com os seus pais aonde quer que fossem. Suas brincadeiras favoritas eram brincar de casinha, amarelinha e pular corda. Uma vez ganhou um brinquedo inesquecível – uma linda boneca de louça.

Sente saudades de sua casinha, do fogão à lenha que ficava num cantinho da cozinha, onde se esquentava nos dias frios e assava batata-doce e pinhão. Recorda-se do pequeno bairro que tinha apenas 3 ou 4 casas. Hoje ele é considerado o centro da cidade e Eni ainda mora por ali, na rua principal. A prefeitura ficava onde hoje é a casa da Dona Maria Odete. Estudou na antiga Escola Gonçalves Dias, e as professoras que marcaram sua vida foram Dona Helena e Dona Elisa, que lhe dava aulas de piano.

Ao contar uma de suas aventuras, diz que “a chuva surra a gente”, pois uma vez ela e suas colegas foram fazer um piquenique no morro do Ouro, no Bico do Corvo e, ao deitarem olhando para o céu, viram nuvens negras chegando. Caiu aquela chuva, que pingava nas costas e doía muito. Elas desceram todas ensopadas do morro! Viveu uma juventude policiada pelos pais; muitas coisas eram

proibidas, mas acabava fazendo algumas coisinhas escondida.

Casou-se com o caminhoneiro José Carlos e com ele teve três filhos: José Junior (falecido), Joseni e Marcelo. Seu primeiro trabalho foi na escola, como professora, e, no impacto com aqueles olhinhos olhando para ela, ficou perdida e encabulada, mas tornou-se amiga das crianças. Seu maior sonho é conhecer o Brasil de ponta a ponta, inclusive o Pão de Açúcar. Dona Eni ri quando diz que tem medo de água (praias, rios) e não conseguiu andar de bicicleta até hoje.



## A força do tomate

Quem conhece um tanto da história de Apiaí sabe que nela consta a produção do tomate. A região ficou conhecida pelo cultivo desse fruto e muita gente viveu disso por muito tempo, talvez toda a vida. Como aconteceu com Seu Levino. De todo esse tempo trabalhando com tomate, **Levino das Chagas Matos** lembra-se de um ano em especial, no qual ganhou muito dinheiro com o tomate.

### Cinturão verde

Com a queda do tropeirismo, os poteiros espalhados pela cidade foram dando lugar às plantações. Apiaí era uma cidade cercada por cultivos, um verdadeiro "cinturão verde"! Onde fica a praça central era um grande peral do Senhor Manoel Augusto. A maioria das plantações adjacentes era de tomates. Quando tiravam o tomate, logo em seguida plantavam outras culturas para renovar a terra, como a mandioca. Depois, a cidade foi crescendo e essas áreas foram sendo loteadas.

Fonte: LUZ, Rubens Calazans. Santo Antonio das Minas de Apiaí. Apiaí: R.C. Luz, 1996.

*Há 62 anos nasceu no bairro do Bom Retiro o Senhor Levino das Chagas Matos. Um lugar que não tinha estrada, só mato.*

*Quando ele era criança, era muito levado, brincava de bola, carrinho de rolimã e carrinho de sabugo.*

*Começou a estudar com 12 anos de idade na 1ª série e gostava muito de Matemática. Não tinha lanche nem carteiras na escola, só banco, porque estudava em uma igreja do bairro. Ele sabia que o estudo era muito importante na vida de todo mundo, mas estudou até a 3ª série, porque não tinha condições e morava longe da escolinha.*

*O Senhor Levino era namorador. Namorou Dona Odília por dois anos. Ela queria se casar, ele não. Terminaram. Depois de um tempo, encontrou Dona Tereza; eles já se conheciam da época da escola, tinha até acertado o rosto dela com uma bola quando brincava no recreio. Gostou dela, achava que ela era bem bonita. Namoraram por um ano, se casaram e tiveram quatro filhos. Os nomes deles são Sidnei, Adriana, Eliana e o caçula Fábio, que faleceu quando tinha três anos de idade de pneumonia dupla. Isso foi muito triste na vida do Senhor Levino.*

*Para sustentar a família, ele trabalhava na lavoura e gostava muito. Teve um ano que ele ganhou bastante dinheiro com a plantação de tomate, muito mesmo, com esse dinheiro, ajudou a família, comprou casas na cidade de Apiaí e motores para melhorar seu trabalho na roça.*

*Hoje o Senhor Levino se sente feliz. Seu bairro melhorou muito: tem estradas, casas melhoradas, escola. Ele tem dois netos, Rafael e Ana Paula. Deseja que eles cresçam com saúde, estudem e sejam felizes.*



## Bibliografia

ALVES, L.R. *A escola, centro de memória e produção de comunicação/cultura*. São Paulo: Fapesp, 1999.

BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política – ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1994. (Obras Escolhidas; v. 1.)

BERGSON, Henri. *Matéria e memória*. São Paulo: Martins Fontes, 1990.

BITTENCOURT, C. (org.). *O saber histórico na sala de aula*. São Paulo: Editora Contexto, 1997.

BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

### Sites consultados

[www.wikipédia.org](http://www.wikipédia.org)

[www.museudapessoa.net](http://www.museudapessoa.net)

[www.apiai.sp.gov.br](http://www.apiai.sp.gov.br)

[www.petaronline.org](http://www.petaronline.org)

[www.ine.gov.mz](http://www.ine.gov.mz)

[www.nikkeypedia.org.br](http://www.nikkeypedia.org.br)

[www.bv.am.gov.br](http://www.bv.am.gov.br)

[www.ibr.gov.br](http://www.ibr.gov.br)

[www.camargocorrea.com.br](http://www.camargocorrea.com.br)

[www.intercement.com/institucional](http://www.intercement.com/institucional)

[www.apiai.sp.gov.br/casadoartesa](http://www.apiai.sp.gov.br/casadoartesa)

### Referências filmográficas

Documentário. *Mãos que fazem arte*. Projeto “De barro e trança”. Apiaí, São Paulo, 2008

Documentário. *Apiaí*. Prefeitura de Apiaí, 1953.

## Créditos

### Instituto Museu da Pessoa.Net

COMITÊ EXECUTIVO

Diretora-Presidente  
Karen Workman

Memória Institucional  
Márcia Ruiz

Disseminação do Conceito  
Sônia London

### Instituto Avisa Lá

Presidente  
Lino de Macedo

Coordenação Executiva  
Sílvia Pereira de Carvalho

### Prefeitura Municipal de Apiaí

Prefeito  
Emilson Couras da Silva

### Secretaria Municipal de Educação de Apiaí

Secretário de Educação  
Nelson José Nery

### Projeto Memória Local na Escola Apiaí – 2011

Coordenação  
Giselle Rocha  
Márcia Cristina da Silva  
Sônia London

Formadores  
Ana Carolina Carvalho  
Danilo Eiji Lopes

Produção Executiva  
Isaac Patreze

Coordenação no Município  
Rosângela Adeil Alves Aliaga  
Mariza de Fátima Gonçalves  
Kelly Viviane de Oliveira Mello

Professoras  
Danieli Luci Franco  
Cleosane dos Santos Rosa  
Jucilene Kroger Ribeiro da Silva  
Kátia Cristiane Fogaça Sare  
Maria Adelaide de Lima Sarti  
Maria Aparecida Pereira Fogaça  
Maria Goretti de Andrade Munhão R. Antunes  
Maria Izaura Tamogami  
Rita de Cássia Andrade Munhão Silva  
Roseli Remigio Siqueira  
Rosimara Rodrigues França

### Livro *Apiaí: um rio de histórias*

Projeto Editorial  
Ana Carolina Carvalho  
Danilo Eiji Lopes

Edição de Texto  
Ana Carolina Carvalho

Pesquisa e Boxes  
Danilo Eiji Lopes

Revisão de Texto  
Sílvia Balderama

Projeto Gráfico  
Fernanda Mascarenhas  
Renato Theobaldo

Produção Gráfica  
Praxinoscópio Produções

Produção  
Isaac Patreze

Desenhos  
Alunos participantes do projeto

Impressão  
Neoband

### Escolas participantes

EMEIEF ALA  
Diretora  
Heloína Martins Chaves Hernandez  
Vice-Diretora  
Elisabete Rodrigues Sare

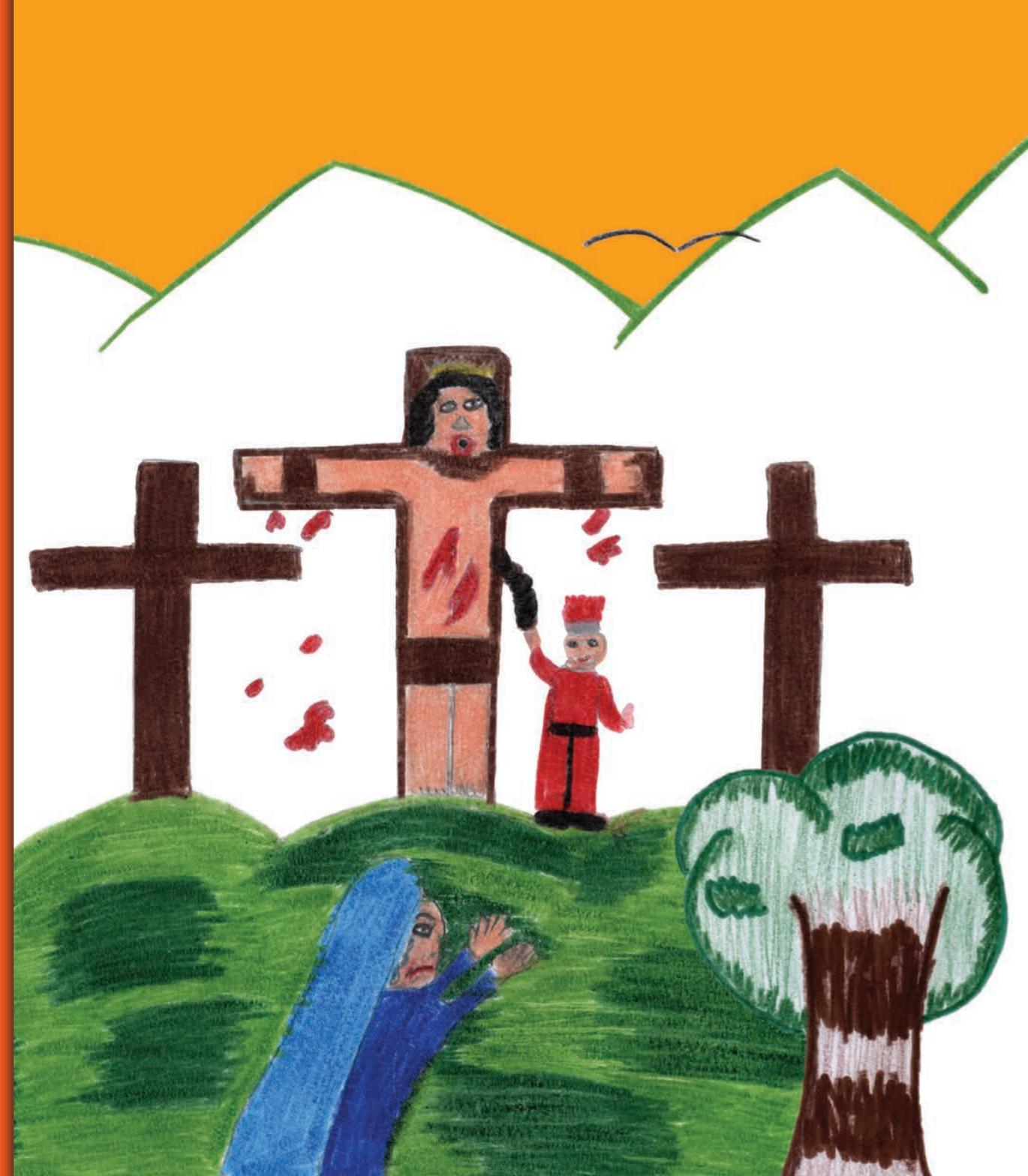
EMEIEF PROF<sup>a</sup> ELISA DOS SANTOS  
Diretora  
Edilmara de Souza Massoni

EMEIEF PROF<sup>a</sup> HONORINA ALBUQUERQUE  
Diretora  
Elisete Mendes de Almeida Melo

CEMAE – CENTRO MUNICIPAL DE ATENDIMENTO  
ESPECIALIZADO PROF<sup>a</sup> ROSANA DE LIMA  
Diretora  
Terezinha de Jesus O. Ramalho

### Coordenadoras e professoras formadoras locais

Eliane da Silva Gasparine  
Elisandra Aparecida Rosa Rodrigues  
Gisele R. Martins B. Barbosa  
Jaqueline Falcão Coelho  
Lúcia Cristina de Souza Lima  
Roseli Camargo de Oliveira  
Simone Martendal de Lima  
Terezinha de Jesus O. Ramalho





Patrocínio



Realização



Ministério da  
Cultura

